





Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

<https://archive.org/details/revistainternaci3611unse>

REVISTA INTERNACIONAL

LAP

DO ESPIRITISMO

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :

CAIRBAR SCHUTEL

(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON

NOV 15 2006

THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Mais uma etapa percorrida
Doutrina Cruel
O Mito do Perdão
Morselli e seu papel de pioneiro no
campo da psicologia espírita
Pluralidade dos Mundos Habitados
O Letargista dos Palcos
Por quem é combatido o Espiritismo
Carta a Henrique Rodrigues
Fatos, e não Palavras
O Homem com seu Relativismo
Não Podemos Calar !
Crônica Estrangeira
Espiritismo no Brasil

Redação
Mário Cavalcanti de Mello
Arnaldo S. Thiago

Irmão Saulo
Redação
V. O. Casella
Carlos Imbassahy
Luiz Caramaschi
Aleixo Victor Magaldi
v. Irenedo
Mac Maynard
Redação
Redação

Espiritismo e Materialismo

Acaba de sair do prelo e já se acha à venda, em 3.^a edição, desta apreciada obrinha do nosso saudoso e querido companheiro Cairbar Schutel.

A' venda na Livraria «O Clarim» — Preço: Cr. \$ 10,00, e mais Cr. \$ 6,00 para o porte e registro.

O Espirito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinamentos de Jesus.

«O Espirito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do Espirito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: Cr. \$ 130,00, e mais Cr. \$ 6,00 para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

O Batismo

Avisamos os interessados que já saiu do prelo e está à venda, a 3.^a edição deste importante opúsculo da lavra do nosso companheiro Cairbar Schutel.

E' um livrinho de grande interêsse para ser manuseado por todos aquêles que desejem, de fato, conhecer o significado do batismo.

A' venda na Livraria «O Clarim» — Preço: Cr. \$ 10,00, e mais Cr. \$ 6,00 para o porte e registro.

Os Fatos Espíritas e as Fôrças X...

Acaba de sair do prelo êste apreciado opúsculo de autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel.

Referido livrinho, que já está na sua 3.^a edição, é indispensável a todos os estudiosos dos assuntos referentes à Doutrina Espírita.

Esta nova edição está confeccionada em bom papel, tipo graúdo, portanto, de fácil e agradável leitura.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço: Cr. \$ 10,00 e mais Cr. \$ 6,00 para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Cristianismo e Espiritismo
Na seara do Mestre
Na Escola do Mestre
Nas pegadas do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
Obras Póstumas
A Genese
O Espiritismo e as Doutrinas Es-
piritualistas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Principiante Espírita

Vários assuntos:

A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
A Grande Esperança
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Evolução
Resumo da Doutrina Espírita
A Loucura sob um novo prisma
A crise da Morte
Fenômenos de «Transporte»
A Psiquiatria em face da reencar-
nação
O Espiritismo à luz da crítica
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Depois da morte
O Espiritismo à Luz dos Fatos
A Reencarnação
Como os Teólogos refutam

Romances:

Ave Cristo
Amor e Odio
Nas telas do Infinito
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Memorias do Padre Germano
Do Calvário ao Infinito
A tragédia de Santa Maria
Marieta
Marta
A Barqueira do Júcar
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
Eleonora
Alguem chorou por mim
Mireta
Redenção
Lidia
A Scnâmbula
O Chanceler de Ferro
Herculanum
Memórias de uma alma
A vingança do Judeu
Cruzada Redentora — 3 vols.

Infantis:

Seara Infantil
Conselhos ao meu filho (contos)
Os apuros de Raimundo
Meu livrinho de Orações
Historietas do Irmão Monteiro
João Vermelho no Mundo dos Es-
píritos
Os meus deveres
História de Catarina
Mensagem do pequeno morto
História de Maricota
Jardim da Infância
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas Obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»—Caixa Postal, 11 - Matão - E. S. Paulo.—Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXXVI — E. S. Paulo — Matão, 15 de Fevereiro de 1960 — NUM. 1

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *A. Watson Campêlo*

REDATOR : *Italo Ferreira*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação : Av. 28 de Agosto, n. 301 — Oficinas : Rua Rui Barbosa, n. 673

Mais uma etapa percorrida

ENCETA a Revista em 1960 mais um ano de publicidade. Iniciada a 15 de Fevereiro de 1925, completa ela 35 anos de existência.

Em todos êsses anos, a Revista se esforçou para cumprir as suas promessas: *demonstrar a existência do Espírito no corpo e fora dêle com as provas fornecidas pela experimentação*. E os fatos espontâneos como os provocados verificados no país, ela procurou divulgar e analisar em suas colunas, bem como os fatos surpreendentes, verificados em outros países, reproduzindo das principais publicações espíritas do mundo, sobretudo os provindos da Inglaterra, os artigos mais importantes.

Ao relembrar êsse passado, de contínua atividade para divulgar o Espiritismo, seja em seu aspecto anímico como no espírita, confessamo-nos gratos a todos os confrades que ilustraram as páginas da Revista com sua colaboração substanciosa. E outra não poderia ser a nossa atitude, em face da solução do grande problema, para o qual se voltam todos os sêres pensantes, e de cujo reconhecimento e prática, depende a maior das reformas que se há de operar no nosso planêta, para a ampla e definitiva implantação da Paz Mundial, tão desejada por todos.

Resolvido o problema da Vida, compenetrados os homens de que a Morte nada mais é do que a transição pa-

ra um plano superior de existência; todos intimamente convictos de que a individualidade não se extingue, mas mantém todos seus atributos e conserva tôdas as suas aquisições, a ciência ver-se-á forçada a mudar de rumo, adaptando seus conhecimentos às novas verdades reveladas a Allan Kardec e expostas em suas magistrais obras, com raro critério e impecável lógica, capaz de resistir a todos os embates.

O experimentalismo espírita, já assentado sôbre sólidas bases, vem abrir à humanidade um campo fecundo de estudos teóricos-práticos. Todos os conhecimentos humanos só terão a lucrar com a adoção do Espiritismo destinado a proporcionar-lhes maiores luzes, mais bastos elementos para a sua evolução. A ciência verá no Espiritismo um complemento indispensável ao seu progresso; a religião terá nêle o seu mais poderoso auxiliar, a filosofia tornar-se-á clara e lógica.

A Imortalidade é a base fundamental na qual se assenta o luminoso Farol, que esclarece o Bem e o Belo, para guiar a humanidade aos seus destinos superiores. Sem a imortalidade não pode haver Verdade nem Consolação: Não há Fé, nem Esperança, nem Caridade.

As altas virtudes não podem medrar no campo estéril do materialismo e da incredulidade. Elas nascem sempre do intercâmbio com o invisível, são

oriundos do Mundo Maior que nos envolve. É da permuta de afetos com o Além que nascem e progridem as grandes descobertas, as novas verdades, é da sugestão dos Espíritos prepostos por Deus que se formam e se mantêm as grandes emprêsas que beneficiam a coletividade e orientam os povos para o norte da Vida. Essa permuta é tão necessária e real que chega a constituir a fôrça visível de todo o melhoramento, de todo o progresso material, moral e espiritual do nosso planêta.

O nosso propósito é fazer com que os homens compreendam a necessidade da aceitação dessa Lei Natural, contra a qual a morte não tem poder e que

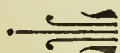
rege a atração das almas pelo amor, para num auxílio recíproco, realizarem as duas humanidades, visível e invisível, o seu alto desiderato de progresso sucessivo para o alcance de melhores estágios na Espiritualidade e de mais acentuada felicidade, na sua ascensão gloriosa para a Luz.

Possam os Bons Espíritos, que dirigem o nosso movimento, continuar a nos favorecer no nosso trabalho de divulgação espírita.

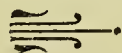
Agradecemos a todos os nossos amigos e colaboradores, conôscos solidários, o auxílio na manutenção desta publicação. Que Deus a todos dê Luz e Paz.

DOCTRINA CRUEL

MÁRIO CAVALCANTI DE MELLO



I



O Espiritismo tem sido combatido pelo clero romano por todos os modos. Uma onda de achincalhe, de infâmias e mentiras surge de tôda parte, procurando desmoralizar a doutrina dos Espíritos, como se êsse processo, por demais mesquinho, fôsse capaz de deter a nossa marcha vitoriosa. O resultado desta inquisição branca, uma vez que a vermelha não pode mais funcionar, tem sido negativo, e o Catolicismo vê, aterrorizado, o aumento considerável dos adeptos de nossa doutrina, a multiplicação de escolas e de instituições de caridade, em contraste evidente com a diminuição assustadora de vocações sacerdotais, enfim, o fracasso cada vez mais acentuado dessa Igreja, que nada mais tem feito que perseguir os credos alheios. Como é possível pregar o amor, humilhando, torturando, escravizando, matando e apropriando-se dos bens de suas vítimas, como a Igreja romana fazia no passado?

Iremos responder à mentira com a verdade histórica.

Não ignoramos que, nos primeiros tempos da Igreja, quando sua intolerância dogmática erguia contra ela a cólera e as perseguições do povo e dos imperadores, humildemente reclamava em

seu favor a liberdade de consciência e de religião.

«Pedimos o direito comum, dizia Athenágoras; pedimos para não sermos odiados e perseguidos, pelo fato de carregarmos o nome de cristãos». (Athen.; «Apolog.», n. 2).

«A religião, dizia Lactâncio, é a única coisa onde a liberdade elegeu domicílio. Ela é, acima de tudo, voluntária, e ninguém pode ser forçado a adorar o que não quer. Pode-se fingir, mas não querer». (Lactant., «Instit.», II, V, C. XIX, XX).

Tertuliano usava a mesma linguagem:

«Prestai atenção, dizia êle, não vos torneis suspeitos de irreligião, tirando dos homens a liberdade religiosa e interditando-lhe o direito de escolher um deus, isto é, permitindo-me adorar aquêle que eu desejo adorar... A nós sômente é proibido ter uma religião própria...» (Tertull., «Apolog.», C. XXIV).

Esta Igreja que pleiteava seus direitos de liberdade, com tão admirável bom senso, não falava com sinceridade e sim por tática. Tanto isto é verdade, que Agostinho conferiu ao poder civil o direito e o dever de punir os heréticos

e os blasfemadores, até com a pena de morte. Teodoro de Bêse, reclamava para os heréticos, culpados, segundo êle, do maior dos crimes, a pena capital. Foi ardoroso inimigo da liberdade de consciência, dessa mesma liberdade que os seus antepassados reclamavam para êles, e a denominava um dogma diabólico, «*Libertas conscientiiis diabolicum dogma*».

O cardeal Gousset, arcebispo de Reims, disse muito bem, referindo-se aos protestantes :

«*Êles se encontram de acôrdo conôsko na máxima : Fora da Igreja não há salvação*».

Como se vê, a liberdade de consciência que a Igreja reclamava era somente em seu favor, uma vez que, livre de perseguição, nunca deixou de perseguir os que não lêssem pela mesma cartilha.

O que aconteceu quando o Cristianismo, já bastante adulterado, foi proclamado por Constantino religião do Estado ? De oprimido que havia sido, passou a opressor, e o mundo foi dividido por êle em seitas inimigas, inflamadas de ódio e de discórdia. Pagãos, judeus, filósofos, heréticos, ninguém encontrava graça a seus olhos.

Foi pela intolerância, foi esmagando com os pés a liberdade de consciência, pelos éditos que promulgou, que Constantino, depois de haver abjurado o antigo culto, dá mostras do espírito católico que o anima e que lhe granjeou o cognome de Grande, em troca do de parricida que a História lhe reservou. No interêsse de sua autoridade política, conserva, é verdade, o título e as funções de *Pontifex Maximus*; e nesta qualidade, ao mesmo tempo que ordena se celebre o repouso religioso aos domingos, publica uma lei sôbre as consultas aos adivinhos; se as suas moedas oferecem de um lado o monograma de Cristo, do outro apresentam a figura de alguma divindade pagã, e em Constantinopla, tornada por êle a capital cristã do Império, faz levar cada ano ao circo sua estátua tendo em uma das mãos a imagem da Fortuna. Adquire para si o título de *bispo das coisas externas*, e nesta qualidade proíbe aos governadores de províncias e outros funcionários pagãos tomar parte nas solemnidades do antigo culto, a fim de fazer

esfriar pouco a pouco entre o povo, o zêlo que êste culto provocava ainda; proíbe os sacrifícios privados, restringe o uso dos auguros e adivinhos; veda rigorosamente certas práticas do culto pagão; destrói as estátuas dos antigos deuses; derruba seus templos ou os converte em igrejas; abusa da disciplina militar para obrigar seus soldados a rezarem ao Deus dos cristãos. Foi a ponto de fundar em Heliópolis, na Fenícia, uma igreja, para a qual nomeou um clero completo com um bispo, quando não havia um só cristão nessa cidade. Concedeu a essa igreja ricas somas para «*a manutenção dos pobres, a fim de trazer por benefícios sensíveis a conversão dos pagãos*». Era êste o melhor meio de fazer hipócritas.

Eusébio, vê na conduta do imperador cristão uma inspiração tôda semelhante à que exprime o apóstolo Paulo :

«*Mas que importa ? Contanto que Cristo seja anunciado de tôda maneira, ou com fingimento ou em verdade, nisto me regosijo, e me regosijarei...*» (Aos Filip., I, 18) — (Euseb., «*De Vita Constant.*», III, 58).

Constantino conseguiu, assim, a dupla vantagem de ser considerado no número dos deuses pela religião que havia destronado, e no número dos santos pela religião à qual assegurou o triunfo. Êste católico *sui-generis*, só o foi em realidade, em seu leito de morte, quando recebeu das mãos de Eusébio de Nicomédia, bispo ariano, o seu batismo *in-extremis*.

Como êle e depois dêle, os imperadores cristãos se deixaram conferir honras divinas pelos pagãos que perseguiram, e êste costume só cessou com a morte aparente do Paganismo, do qual a Igreja romana foi herdeira, como provaremos em artigos subsequentes.

Depois de Constantino, vieram seus filhos Constante e Constâncio, dois vís perseguidores. Em 341 confirmam as leis do reino precedente. Em 346, os dois imperadores, por um decreto cujas disposições abrangiam o Oriente e o Ocidente, tomam em comum as medidas mais severas para a extirpação completa do antigo culto : em tôda parte os templos devem ser fechados, e os sacrifícios são proibidos sob pena de morte e confiscação dos bens.

E é no tempo em que os imperadores empregavam contra os pagãos todas as ameaças e todos os rigores da intolerância, que um apologista do Cristianismo, um pai da Igreja, dirigindo-se a Constante e a Constâncio, os exorta ainda, escorando suas palavras em textos bíblicos, a usar de severidade contra os perseguidos e da forma mais extremada: «*Arrancai, lhes disse, arrancai sem escrúpulo as riquezas de seus templos; empregai em vosso proveito e no do Senhor os tesouros lá acumulados. É depois da destruição dos templos que, pelo poder de Deus, fica acrescida a vossa grandeza*».

Em seu entender, é sobretudo derubando os monumentos exteriores do Paganismo que os imperadores se mostram cristãos e grangeam o favor divino. Ele os intima em seguida a punir com os mais terríveis castigos o culto dos ídolos, e declara que estão pela lei divina obrigados em consciência a anular pela força até o último vestígio do Paganismo. «(Jul. Firmicus Maternus», «de Errore profan. religionum», c. XXX).

Isto não constituía um fato isolado. Os cristãos, em geral, os bispos à frente, encorajavam, então, a conduta dos imperadores com as mais baixas adulações. Os mais célebres oradores do tempo faziam aos sectaristas as mesmas críticas que êstes faziam aos seus antepassados, isto é, que êles se prosternavam diante das estátuas dos imperadores e a de só propagarem sua doutrina com o favor dos príncipes. Enfim, Constante e Constâncio foram dois cruéis perseguidores: matavam e confiscavam os bens às suas vítimas. Despiam os templos de suas riquezas e entregavam ao clero ou aos favoritos de seus bajuladores.

Depois do reino de Juliano o Apóstata (361-363), os imperadores que subiram ao trono, todos cristãos, não tardaram em exercer contra o Paganismo os processos habituais e o espírito de perseguição que havia santificado Constantino e seus filhos. Teodósio, em particular, (379-395) distinguiu-se por seu zêlo e concederam-lhe como a Constantino, o cognome de Grande. Já, em 381, Teodósio havia decretado que os cristãos que voltassem à idolatria não podiam dispôr de seus bens para testamento. (Cod. Theod., lib. XVI, tit. VII, lex 1);

em 383 estendeu esta lei aos catecúmenos, e declarou infames os apóstatas (Ibid. lib. XVI, tit. VII, log. 2, 4, 5) Logo após, por uma lei geral, proibiu a celebração dos sacrifícios, a imolação das vítimas, a conservação dos simulacros (Ibid., lib. XVI, tit. VII, lex 10). Interditou, em seguida, aos magistrados mostrarem-se nos templos (Ibid., lex 11) enfim, decretou formalmente (392) a confiscação dos bens para todo o ato de idolatria, e a pena capital para o facto de haver sacrificado aos deuses, considerado crime de lesa majestade (Ibid. lex 12).

Servidor devotado da ortodoxia, cometeu todos os seus crimes por amor à sua Igreja. Sofreu, segundo Ch. Diehl, a influência de S. Ambrosio de Milão que em 390, em seguimento ao massacre de Tessalônica, impôs ao imperador uma penitência, interditando seu acesso à igreja. Esta humilhação de Teodósio teve as mais graves consequências.

Os templos tinham sido fechados pelos magistrados. Inflamados pelas prédicas dos bispos e dos monges, foram compelidos a demolir ou a saquear os santuários dos antigos deuses. Os anacoretas do Egito saíram em multidão de seus eremitérios para entregar-se a esta obra meritória de devastação, e para colocar relíquias de santos, sob a guarda de piedosos solitários, nas capelas de Anubis e Sérapis. O templo deste último deus, em Alexandria, o Sérapion, reputado o mais vasto e magnífico que havia no mundo, foi completamente destruído pelos cristãos, em 391, bem como a magnífica bibliotéca que lhe era anexa; o bispo Teófilo tomou, em pessoa, parte neste ato de violência, e com êste exemplo foram destruídos os outros templos da cidade e dos lugares circunvizinhos. Um outro bispo, S. Marcelo, que Teodoreto chamava um homem divino, tendo-se colocado à frente de uma tropa de soldados e de gladiadores, derrubou em Apaméa, na Síria, o templo de Júpiter; foi esta sua última façanha. Na luta contra os pagãos que defendiam seu templo, o mais belo da cidade, êstes se apoderaram do velho bispo que se encontrava isolado e o queimaram. Seus filhos quiseram vingar-se, mas o sínodo provincial os demoveu e os exortou a agradecer a Deus que lhe haja da-

do ao pai a glória do martírio. (Sozom., «Hist. eccles., VII, 15). Todos os santos possuíam o mesmo furor. Na mesma ocasião São Martinho de Tours juncava a Gália de ruínas, derribando templos, quebrando os simulácos, arrancando as árvores sagradas. O mesmo praticou mais tarde na Germânia, São Bonifácio. Em vão uma oposição, às vêzes armada, elevava-se contra êstes atos de violência; em vão Libânio falava em favor das estátuas e dos templos dos antigos deuses e fazia reclamações mais ou menos eloquentes: a obra de destruição, nas quais os cristãos sobrepujavam os bárbaros, sempre dirigida e encorajada pelos bispos, prosseguia com ardor, destruindo-se em tôda parte inumeráveis obras primas. E se acontecia que o imperador Teodósio, obedecendo a motivos que não eram religiosos, pretendesse refrear em certos casos o arrebato das populações cristãs; se êle ensaiava, por exemplo, proteger o templo de Edessa, escondendo as estátuas mais preciosas como objeto de arte e não como santos; se ameaçava punir os monges que tinham destruído um templo dos valencianos perto do castelo de Callinicum, na Mesopotâmia, ou obrigar o bispo que, por suas declarações, havia compelido o povo a destruir uma sinagoga (pois as sinagogas, malgrado a proteção das leis, não eram mais poupadas que os templos) logo se elevava contra êle a voz dos bispos, em particular a de S. Ambrósio, o tal arcebispo de Milão, e o imperador era forçado por êles a sentimentos mais «cristãos». (Ambros., «Epist. XL, ad Theod.»; «Epist. XLII, ad Sororem»; Paulin. «Vit. Ambros.») — Esta citação foi tirada da obra «La Morale de l'Église», de Bouteville.

Foi ao piedoso justiniano reservado apagar no Oriente, sempre pela violência, os últimos vestígios do Paganismo. A perseguição atingiu mais os homens de categoria. Eram despojados de seus bens, torturados e postos à morte. Atenas, cujas escolas se haviam levantado das ruínas nas quais tinham caído no comêço do século V, era então um foco de politeísmo. Justiniano proscreeve estas escolas e os mestres que nelas se faziam ouvir. Foram, também, fechadas as de Alexandria. Os filósofos, Damacius entre outros, Izidoro e o cé-

lebre Simplício procuraram um refúgio perto do rei da Pérsia, Chosroes, que se gabava de amor pela Filosofia.

A conversão ao Cristianismo era forçada. O indivíduo tinha que ser cristão de qualquer modo, donde se vê que a sinceridade não era ali moeda de muito valor.

O imperador Juliano, por espírito de oposição ao Cristianismo, protegia os restos de Israel: depois dêle, e sob os príncipes da família de Teodósio ficaram os judeus algum tempo, ainda, mais ou menos ao abrigo de perseguições; foi-lhes mesmo concedido reconstruir suas sinagogas, com grande escândalo para os cristãos, cuja indignação desconheceu em vários lugares a vontade do príncipe, e malgrado as queixas de S. Ambrósio e de S. Agostinho.

Salteando muito, para podermos encurtar esta história de crimes inomináveis e hediondos, praticados sob a proteção de santos, de bispos e de monges que os inspiravam, vamos ver a recrudescência dêste cristianismo obrigatório.

Os concílios, em seus decretos, tratavam os judeus como párias da humanidade.

O terceiro concílio de Orleans (538), sob o rei Childebert, pronuncia-se a respeito nestes têrmos:

«Uma vez que, graças a Deus, vivemos sob a dominação dos reis católicos, que os judeus desde o dia da Ceia do Senhor, até o dia de Sabbat, isto é, durante quatro dias, não tenham a audácia de mostrar-se entre os cristãos, em lugar nenhum, e em qualquer ocasião que seja». (Can. XXX).

O primeiro concílio de Mâcon, em 581, renova esta proibição, e acrescenta:

«Que nenhum cristão tenha a audácia de participar dos banquetes dos judeus: se o que é abominável dizer, um clérigo ou um secular qualquer, ousar fazê-lo, que êste que se manchou com suas impiedades saiba que deve ser excluído da sociedade de todos os cristãos». (Can. XXX).

A intolerância, a perversidade e o fanatismo desta Igreja que procura menosprezar o Espiritismo e as demais crenças, crescem, ainda mais, no déci-

mo sétimo concílio de Toledo (694). Aí é decretado (Can. VI e VII) que os judeus refugiados na Espanha, serão despojados de seus bens, reduzidos à servidão e distribuídos como escravos aos adeptos do Cristianismo, de acôrdo com a vontade do rei.

Quanto aos que se converteram ao Cristianismo e voltaram ao seu antigo culto, é prescrito aos bispos arrebatarem seus filhos para os educar «cristãmente».

Atirados, de ordinário, em bairros imundos e perigosos da cidade, onde à noite eram trancafiados, os judeus eram, ainda, em tôda parte, obrigados a distinguir-se em suas vestimentas por qualquer marca ou sinal infamante. Foi assim que o concílio provincial de Narbonne (1227) em seguimento de várias medidas para a aplicação dos decretos mais rigorosos do concílio de Latrão contra os heréticos, ordena aos judeus trazerem no peito a figura de uma roda.

Nos Estados Gerais de 1614, no capítulo sôbre a Igreja, o clero pedia ao rei interditar na França a residência aos ateus, judeus, maometanos, adamitas, anabatistas, etc., sob pena de confiscação de bens e de corpos; exortar os arcebispos e os bispos a velar pelos seus rebanhos; obrigar aos que não professassem aparentemente nenhuma religião a exercitar-se na fé católica; prescrever a todos, denunciar os culpados e aos juizes punir exemplarmente. O clero obtive o que queria; as antigas ordenanças contra os judeus, caídas em desuso, foram renovadas por cartas patentes de 23 de abril de 1615, e os judeus tiveram ordem de deixar o reino dentro de um mês». (H. Martin — «Histoire de France» — tomo II, pág. 593).

Cada explosão de fé religiosa, tornava-se, então, para os infelizes judeus, um sinal de proscricção e de morte. Contra êles tudo era permitido. É agradável a Deus fazê-los sofrer; e a violência, no ponto de vista católico, um ato de piedade. É esta a convicção dos teólogos de todos os tempos.

Que religião é esta, que prega o amor, que manda que nos amemos mutuamente e trucidada infelizes criaturas, cujo único crime é terem nascido judias, como se o próprio Jesus não fôsse o maior dos judeus! Então! o judeu não pertence à espécie humana, não é nosso semelhante, nosso próximo? Como se concebe, pois, que esta religião que diz seguir a máxima evangélica: «*amar ao próximo como a nós mesmos*», martiriza, humilha, mata e confisca os bens destas inocentes vítimas, que tem tanto direito à existência como qualquer um de nós? Se os judeus não tivessem direito à vida, Deus não os teria pôsto no mundo e Jesus não teria nascido judeu.

Que meditem todos os que nos leem, nestes pedaços de verdades históricas, que consignam atrocidades de bárbaros e não de homens que se prezam de seguir a doutrina de mansidão do meigo rabí da Galiléia, e digam se os espíritas são criminosos pelo fato de não comungarem em idéias que podem ser inspiradas nos piores espíritos das trevas, nunca em um Deus de amor, de bondade e de justiça.

Continuaremos a verificar para que lado se deverá inclinar a balança divina, e isto, limitando-nos apenas aos fatos históricos.

O Espiritismo

Será culto ou não subsistirá. Há grande necessidade dessa cultura para evitar, de um lado, a aceitação incondicional de tudo o que vem de um médium, o que se dá quando não há o conhecimento dos percalços da mediunidade, e do ou outro lado, para não descambarmos no misticismo, a aceitação incondicional do livro sagrado, o que acontece quando há o desconhecimento da sua gênese e das elaborações por que passou. Tanto num caso, como no outro, o indivíduo falho de estudo e de observação, ignora onde cessa a intervenção humana. O Espiritismo está ligado a todos os ramos do conhecimento. A incultura leva ao disparate, ao absurdo, ao fanatismo.

CARLOS IMBASSAHY

O Mito do Perdão

Arnaldo S. Thiago

«Perdoai as nossas dividas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores»... eis como nos ensina a dizer Jesus, na oração dominical, na única oração que nos ensinou a dirigir a nosso Pai que está nos céus.

Há vinte séculos, aproximadamente, que pronunciamos essa oração, pois somos talvez os mesmos espíritos que nos revesamos, em sucessivas encarnações e desencarnações, uns aos outros, a vestir-nos dessa túnica de Nessus com que, mercê dos nossos pecados e das nossas recalcitrâncias no erro, nos apresentamos, ora no palco dêste mundo material, para dar espetáculo de «sangue, suor e lágrimas» aos que, da invisível platéia, nos aplaudem ou lamentam, ora desta invisível platéia, chorando ou estimulando os que tripudiam sôbre os seus irmãos...

Há quase vinte séculos que a pronunciamos! Não praticamos, porém o que ela nos ensina!!

Rolam os séculos, sucedem-se as gerações à face da Terra. Envia o Cristo os seus emissários, ou Êle mesmo desce ao bátrio da carne, para ensinar-nos, a viver e agir como filhos de Deus: ensinar-nos, exemplificando. Do alto da cruz, ainda insultado, criticado, vilipendiado, apieda-se dos seus algozes e, rendendo o Espírito imaculado, na hora extrema da agonia, revigora-se num supremo esforço de energia moral e exclama, sublime: «PAI, PERDÔA-LHES

PORQUE NÃO SABEM O QUE FAZEM!»

Mas o homem continua a rezar apenas; não perdoa! Continua prêso à sua túnica de Nessus, pois importa vesti-la para esquecer os que o ofenderam, ou apenas divergiram do seu modo de pensar, ou, em última análise, ousaram advertí-los do mal que praticavam, do caminho errado que trilhavam... Exigí-lhes o Divino Amor que venham, em novas encarnações, como filhos, como parentes, com irmãos... do mesmo sangue, em suma, que é a única hipótese em que continuam ofendidos e ofensores a viver juntos... por motivo de ordem econômica, de ter alguém que se interesse por nós... exceção feita dos horrorosos casos em que no próprio seio da família ainda se desprezam uns aos outros, em alguns pequenos infernos que se chamam *lares*, não constituídos com espírito de família, mas simplesmente por interêsse econômico.

O Cristianismo das igrejas não conseguiu extirpar no coração do homem seus motivos de desavença, de que resulta a demonstração da ausência do perdão; não o conseguiu ainda o Cristianismo sob a luz restauradora do Espiritismo! Prevendo-o, Allan Kardec pediu-nos apenas o máximo que podíamos dar: tolerância, solidariedade. Toleramo nos, quando temos dúvidas, porém separados uns dos outros; solidarizamo-nos

uns com outros, teòricamente, em manifestações coletivas. Ao menor sinal de discordância, pau nêle; à menor inadvertência, no que concerne à exigência de nos acomodarmos aos maiores desregramentos de opinião, de atitudes, de atos...: — «Não quero saber dêsse confrade que nada entende da Doutrina...» E por aí afóra!

Esta é que é a situação, de fato! Discordei de alguns confrades a respeito de pontos de vista doutrinário, numa velha organização espírita: riscaram-me da sua tribuna, do seu jornal, dos seus concílios, de tudo. Discordei de outros por causa da cadeira de Parapsicologia: devolveram-me a «REVELAÇÃO»... devolveram, não: escreveram no verso do talão de cobrança que não interessava... Discordei outrora, até o presente não me toleram... Para haver solidariedade é necessário que nos submetamos a tudo que os outros querem ou fazem: mesmo errado.

É assim que se compreende a solidariedade, a tolerância. Quanto ao perdão... Só novamente vestindo a túnica de Nessus, em novas encarnações, para esquecer o passado, graças à divina outorga de novas encarnações. Êste, aliás, o melhor argumento a propósito do princípio básico do Espiritismo.

Que venha um novo Isaias, para dizer-nos: «Lavai-vos, purificai-vos...»

Morselli e seu papel de pioneiro no campo da psicologia espírita

Experiências com a médium Eusápia Paladino — Um salto no futuro: a Metapsíquica — Os fatos espíritas e o psiquismo de um homem normal

Enrico Morselli foi um precursor da psicologia espírita. Pouco importa que Morselli não tenha sido espírita. O grande psiquiatra italiano incorpora-se como Richet, à equipe dos desbravadores. Sua obra «*Psicologia e Espiritismo*» em dois volumes publicada em Turim, em 1908, constitui uma das primeiras pontes lançadas entre essas duas regiões do conhecimento por sobre o abismo dos preconceitos e da ignorância. Aliás, já tivemos ocasião de afirmar que uma das grandes glórias do Espiritismo é justamente esta: a ciência espírita vem sendo construída pelos adversários e contraditores da doutrina. Quanto mais eles escavam os alicerces, para derrubar as paredes, mais constata a solidez do edifício espírita e mais contribuem para fortalecê-lo.

A obra de Morselli se fundamenta nas experiências que realizou com a famosa médium Eusápia Paladino. Depois de verificar a realidade dos fenômenos espíritas, de curvar-se ante a evidência dos fatos, como Lombroso, o psiquiatra não quis, entretanto aceitar a explicação espírita dos mesmos. Fêz como Richet, que só bem mais tarde daria a mão à palmatória. Considerou simplista e apresada a teoria espírita, mas sustentou com ênfase a realidade da fenomenologia supranormal e propôs a criação de um «*espiritismo sem espíritos*», à maneira da «*psicologia sem alma*», que Watson proporia mais tarde.

«*Psicologia e Espiritismo*», entretanto, como «*The Human Personality*», de Frederic Myers, e «*L'exteriorisation de la motricité*», de De Rochas, representa um marco na elaboração da psicologia espírita. Muito se falou, depois desses pioneiros, em metapsíquica, metapsicologia e parapsicologia. Tanto Richet, no passado, como Rhine, na atualidade, tentaram avançar, através dos fenômenos espíritas, além do campo imediato dos estudos psicológicos. Mas a verdade é que, antes desse avanço, é indispensável a criação de uma disciplina

na preparatória, que seria exatamente a psicologia espírita, cujos princípios já se encontram na obra de Kardec.

Morselli e Myers compreenderam bem esse problema. A Metapsíquica e a Parapsicologia são necessárias ao desenvolvimento dos estudos psíquicos, mas existem as bases de uma Psicologia Espírita, de uma ciência psíquica ligada ao homem encarnado e referente a ele, à natureza e ao funcionamento normal do seu psiquismo. Essas bases devem ser desenvolvidas na construção de um ramo novo da Psicologia. Morselli e Myers têm o mérito de haver percebido que os fenômenos espíritas não se situam apenas na zona supra normal, devendo também ser estudados na zona normal, comum, do psiquismo habitual. De Rochas, por sua vez, chegou a demonstrar, com suas investigações no campo da regressão da memória, que podemos encontrar o supranormal no próprio normal, verificando as reencarnações através da hipnose.

O trabalho desses pioneiros não teve prosseguimento. Richet atirou-se além da Psicologia, com o seu «*Tratado de Metapsíquica*», e desde então não se pensou mais em termos puramente psicológicos, a respeito dos problemas espíritas. Não obstante, a mediunidade é um problema físiopsicológico, e não metapsíquico, segundo as próprias definições de Kardec. A falta do desenvolvimento de uma Psicologia Espírita tem concorrido para que os psicólogos se afastem do campo das investigações psíquicas, entregando-o, cômoda e prazerosamente, aos metapsiquistas e parapsicologistas.

Hoje, mais do que nunca, impõe-se um trabalho sério de construção da Psicologia Espírita. Somente ela dará base a outra disciplina de grande e urgente necessidade que é a Psiquiatria Espírita. Os trabalhos de Morselli, Myers e de Rochas, bem como de outros que contribuíram para o esclarecimento de vários problemas, como Osty, Zoelner, Notzing, Lodge e tantos mais, devem

ser retomados com urgência, não somente no sentido de experiências e pesquisas, mas também, e sobretudo, de elaboração teórica. A Psicologia Espírita lançará novas luzes sobre muitos proble-

mas obscuros que, para usarmos uma expressão de Richet, atravancam atualmente o caminho dos estudos psicológicos.

IRMÃO SAULO

Pluralidade dos Mundos Habitados

Para o Espiritismo a existência de mundos habitados, além de nosso planeta, não é simplesmente uma teoria, mas uma verdade afirmada pelos espíritos em suas manifestações e aceita pela razão de quantos se libertaram das acanhadas concepções antigas, religiosas ou científicas, de que a terra era o centro do universo e exclusiva habitação dos seres inteligentes.

A pluralidade dos mundos habitados, concebida nas obras clássicas do Espiritismo, há mais de cem anos, verdade sempre combatida, por interesses sectários, começa já a ser encarada pelos sábios e pelos estudiosos como digna de atenção. Veja-se, para exemplo, os dois telegramas, adiante transcritos, um de «O Estado de S. Paulo» e o outro do «Diário de S. Paulo» grandes jornais da Capital do Estado, neles publicados nos fins de dezembro último e que são os seguintes:

«PROJETO OSMA»

WASHINGTON, 9 (AFP) — Os cientistas do rádio-telescópio norte americano

de Green Bank, na Virginia Ocidental, tentarão, em breve, interceptar eventuais sinais de rádio que possam emitir os de seres inteligentes que vivem em planetas muito afastados.

Essa experiência, que recebeu o nome de «Projeto Osma», será realizada sob o patrocínio do Observatório Nacional de Radioastronomia e da Fundação Nacional de Ciências. Poderia começar nas próximas semanas.

Os cientistas que participam desse projeto consideram provável a existência de planetas nos quais a vida se manifestaria sob uma forma que, seria razoável acreditar, tem um caráter bastante evoluído.

Não se esperam resultados rápidos da tentativa «Osma» nos círculos científicos de Green Bank. Mesmo que esse projeto não permitisse desvendar a existência de seres vivos inteligentes nos espaços interplanetários, acredita-se que o projeto «Osma» poderia, eventualmente, servir à descoberta, ou seja, à interpretação de fenômenos cósmicos até agora desconhecidos.

EXISTÊNCIA DE VIDA EM OUTROS PLANETAS

CHIGAGO, 29 (UPI) — Um destacado cientista apoiou ontem a teoria de que existe vida em outros planetas, mas advertiu contra a tentação de pensar que «nos próximos do espaço» — quando os encontrarem os astronautas terrestres — se parecerão ao homem da Terra. «Seu aspecto será completamente diferente de qualquer coisa que possamos imaginar», disse o sr. Hermann J. Muller, zoólogo da Universidade de Indiana, falando aos delegados à Convenção que realiza aqui a Associação Nacional de Professores de Ciência. Muller disse que os seres inteligentes de outros planetas terão sentidos como o homem terrestre, mas poderiam diferir deste em aspecto tanto quanto por exemplo, um crustáceo difere de um mamífero. A evolução, onde quer que ocorra, resulta da singular combinação do acidente e uma norma lógica, segundo o sr. Muller.

Todos os que amam o Espiritismo devem amparar abnegadamente a imprensa que o propaga. E ninguém deve esperar convite para ir ao encontro de suas grandes necessidades. Não transfiram aos outros o mérito da iniciativa. Ajudem. Integrem-se no conjunto dos que combatem o mal e empunhem com denôdo o facho de luz que ilumina a senda da Verdade e do Bem.

Lins de Vasconcellos

O Letargista dos Palcos

V. O. Casella



ABENDO-SE que os fenômenos funcionais da mente humana, pela mudança de estados de consciência pelo transe, não é mecanismo que se movimenta sob toques digitais ou manuais, a exemplo de quem liga e desliga chaves ou tomadas elétricas, tal razão levou os observadores a suspeitarem de que a suposta técnica letárgica do marista, irmão Vitricio, apregoada nos palcos, não corresponde aos postulados da verdade.

Embora pudesse tratar-se de um possível engano do operador, surgiu a desconfiança do uso voluntário da fraude, quando o letargista negou-se a fazer uma demonstração científica, sob controle de observadores especializados em hipnose. Sem dúvida, essa atitude só poderia ser de quem oculta algo de anormal, pois, caso contrário, não haveria motivo para tal recêio, considerando-se que a verdade não teme o rigor dos laboratórios. Quanto ao ridículo pretexto de que os doutos no assunto desejariam apoderar-se pela aprendizagem da sua habilidade técnica letárgica é retirada que em nada se justifica, porque qualquer descoberta que se diga científica, mas que o seu suposto descobridor a conserve em segredo, está atitude confere-lhe a pecha de charlatão, e como tal deverá ser tratado perante as leis da moral e da justiça.

Assim, diante do sucedido, uma vez que o letargista dos palcos não se dispôs a sair de trás dos bastidores teatrais, talvez para que não se descobrisse o entôrnio posto em uso na sua prática, a sua negativa nos autoriza a expor quais os meios que se podem valer para o emprêgo de sofismas, nos fenômenos da hipnose, os profissionais que desejem macular a arte de sugestionar.

No nosso trabalho anterior pudemos demonstrar a inconsistência de sua tese, ocasião em que argumentamos com as mesmas armas em que o marista se julga apoiado com a sua pretensa técnica de provocar o fenômeno letárgico,

com o toque mágico de centros nervosos no corpo do paciente. Hoje, vejamos um outro recurso mais completo, que o Hipnotismo oferece, a post-hipnose, fenômeno êste muito familiarizado nos meios estudiosos, mas vulgarmente desconhecido pelo público em geral.

Um hipnotizador, em sessão discreta, com a co-participação de alguns pacientes selecionados, pode prepará-los vantajosamente para os transe que se sucederem, após esta primeira experimentação. Um bom paciente, no período do transe preparatório, o operador condiciona-o com sugestões bem dosadas, implantando no seu subconsciente um código para colocá-lo em transe na próxima oportunidade, sem que se recorra à técnica verbal comum da sugestão, como vemos nas hipnotizações de palcos. Êste código, pré-estabelecido, tanto pode ser um sinal com um objeto, ou um toque digital ou manual no corpo do paciente, ou ainda uma determinada palavra, ou qualquer outra banalidade convencional pelo operador, cujo emprêgo na ocasião seguinte pode ser discreto, não despertando desconfianças aos que assistem sem espírito de observação e ausentes de conhecimentos sôbre êsse fenômeno do Hipnotismo.

E é de se notar que o próprio paciente ao ser assim condicionado, ainda poderá receber outras sugestões, rezeptadas apenas pelo seu subconsciente, ficando em condições de não se lembrar, ao acordar do transe, o que se passara consigo durante o seu estado de hipnose. Assim, quando no seu estado normal de consciência, estará ignorando que se acha sob ação condicionada, e na próxima oportunidade em que se ver diante do mesmo operador, êste o surpreenderá com o código convencional da sessão anterior, prostando-o instantaneamente em transe, cujo pseudo sucesso deixa maravilhado os espectadores que desconhecem êsse recurso do Hipnotismo.

No entanto, tal sofisma, mesmo que empregado pelo mais hábil dos o-

peradores, não passa despercebido dos estudiosos da hipnose.

Assim, como se vê, o Hipnotismo é um campo vulnerável aos profissionais que desejem fazer mau uso dos seus fenômenos, prevalecendo-se do desconhecimento geral do público sobre o assunto.

Mas, embora se revele evidente a existência de fraude nas apresentações do marista, não podemos afirmar se ele utiliza um dos meios que apresentamos neste e noutro trabalho anterior, ou se emprega métodos de habilidade dos mágicos de palcos, a exemplo dos truques dos ilusionistas e prestidigitadores, ou ainda se não seriam supostos pacientes os menores que se vêm prestando a essas apresentações. Entretanto, pelo fato de que não se possa apontar diretamente qual a fraude aplicada, não se quer dizer estar ela ausente, quando a sua existência é confirmada pelo próprio autor dessa letargia, pela sua recusa em fazer uma demonstração científica fora dos palcos. E, como já dissemos antes, não houvesse tal anormalidade não haveria motivo para essa negativa, que se interpreta no desejo declarado de ocultar o jôgo posto em uso nessas pretensas «experimentações científicas» teatrais.

Contudo, que somente agora a ciência deu o alerta, desmascarando-o publicamente, com amplo noticiário pelos jornais da capital paulista, cuja transcrição já publicamos no número anterior desta Revista, o fato já era esperado por nós adeptos do Espiritismo que, desde o início dêsses espetáculos de finalidade para desmerecer nossa doutrina, já estávamos certos que tudo não passava de trapaça.

Nós kardecistas, firmados que estamos em uma doutrina filosófica, onde as provas da sobrevivência da alma são concretas, jamais poderíamos nos iludir com essas apresentações tão vazias, nada tendo do mediunismo, as quais não passam de sistemáticas deturpações de fenômenos relacionados a outro campo, o Hipnotismo.

Afinal, diante do que vem sucedendo, lamentamos que êsses ataques maldosos e premeditados, visando expor nossa doutrina ao ridículo perante o público, obrigam-nos às vezes a refutá-los com alguma energia que, en-

tretanto, não traduz o sentimento que os espíritas na sua generalidade trazem na alma, quando compelidos nessas lutas doutrinárias entre irmãos, filhos de um mesmo Deus. Os nossos opositores em geral estejam certos de que apesar de seus ataques, quase sempre de uma agressividade chicoteante, portanto nada condizentes com a boa ética da moral cristã, não lhes nutrimos qualquer sombra de ódio. E nessas refregas, que pela razão sempre os louros da vitória têm sorrido para nós, jamais nos prevalecemos dessas glórias para apuparmos os vencidos. Pelo contrário, somos tomados pela tristeza em vê-los incompreensíveis nos seus insistentes propósitos tão estéreis, quando, dentro dos próprios princípios da doutrina que abraçaram, poderiam estar lado a lado conosco, para enfrentarmos unidos o verdadeiro anti-Cristo, o Materialismo.

Enquanto as diversas correntes espiritualistas mantêm-se divididas, debatendo-se mutuamente, o colosso da materialidade constitue uma única força, cuja vantagem lhe é proveitosa. O Espiritismo, mesmo sem qualquer outro auxílio, possui elementos demolidores, sob provas de laboratório, para deter a marcha progressiva da mentalidade dos cultuadores da matéria. No entanto, atacados que somos pela retaguarda, pelos próprios espiritualistas que procuram obter enganosas vantagens de grupos sectários, estas outras facções religiosas roubam-nos preciosa atenção, que poderia ser dispensada no combate ao crescente progresso do gigante negativista.

Com isto, os negadores de Deus, fabricantes de guerras, tirando proveito dessa incompreensão dos grupos dogmáticos do Espiritualismo, já introduziram um novo estilete no seio da humanidade sob o rótulo de Modernismo, cujo sinônimo é a juventude transviada. As novas vítimas vêm sendo entre aquêles mesmos que, instruídos desde a infância com falsas idéias, insinuados a fugirem de imaginários «perigos» do Espiritismo, recebem forçadamente nas escolas os obsoletos ensinamentos religiosos, através de cânticos e rezas beáticos, sem que lhes entronizem o Cristo no coração.

Para empenharmos na luta decisiva contra êsses males nada desejamos

das demais correntes espiritualistas, a não ser harmonia. Se estão tomados do recêio mórbido de que desejamos aliciar adeptos seus para as nossas fileiras, êste pânico é infundado porque não estamos adotando uma doutrina de quantidade. Desejamos apenas os estudiosos que aceitam o esclarecimento pelo livre raciocínio, procurando-nos pela vontade espontânea. Somos pela liberdade de pensamento.

Mas enquanto os nossos opositores espiritualistas persistirem nessa incompreensão, julgando defender Cristo com pedradas aos que não comungam com suas idéias, o Materialismo, prevalecendo-se da nossa atenção aos ataques que recebemos, e zombando das facções religiosas encasteladas nos suntuosos templos de pedra, prossegue tranquilo na sua ronda aos lares e escolas, minando as novas mentalidades em formação, de jovens que logo mais constituirão a parte mais substancial da humanidade futura.

Caixa Postal 153 — Est. de S. Paulo
Araraquara

Correspondência

Recebemos: — do «Grupo de Trabalhos Emanuel», sito à rua Tabatinguera, 121 — Casa 2 — S. Paulo, 4 maços de folhetos, sôbre mensagens de Emanuel; — de Araras, o mensário «Libertação», com oferta gratuita aos que remeterem seu enderêço ao Grupo Sayão, cx. Postal 47, naquela cidade; — de Itu, o mensário «Irradiação», sob responsabilidade do confrade Ten.-Cel. Fiori Aman-têa, com substancial matéria de psicografias; — de S. Paulo, cx. Postal 6821, o bem elaborado jornalzinho para crianças «A Infância Espirita».

Essas remessas procedem de cidades do Est. de S. Paulo.

De Uberlândia, Minas, rua Agenor Pais, 50 recebemos a bonita revista «Elite Magazini», cujo diretor, sr. Clóvis César, ali oferece e colabora em uma coluna dedicada ao Espiritismo. Quanto à sua carta, já seguiu resposta.

Aos remetentes, agradecemos as gentilezas.

V. O. Casella

Por quem é combatido o Espiritismo

O Espiritismo é combatido pelos déspotas, porque os enfurecem as idéias de liberdade;

pelos criminosos, porque os inquieta a lembrança das leis divinas;

pelos guerreiros, porque os exasperam os conselhos de paz;

pelos maus, porque os irritam os imperativos do amor ao próximo;

pelos egoístas, porque os incomodam os princípios do altruísmo;

pelos viciados, porque os

ferreteiam os axiomas da virtude;

pelos fanáticos, porque os exacerbam os preceitos do livre exame;

pelos vingativos, porque não se acomodam com a doutrina do perdão;

pelos facciosos, porque os contrariam os benefícios da tolerância;

pelos interesseiros, porque os prejudica a dádiva gratuita;

pelos ingratos, porque os remordem os deveres de gratidão;

pelos hipócritas, porque os desmascaram os exemplos da sinceridade;

pelos orgulhosos, porque os ensinam da humildade os envergonham;

pelos misoneistas, porque as idéias novas os perturbam;

pelos materialistas, porque as questões espirituais os obscurecem.

Em suma, pelo pecador, porque as noções de uma outra vida assombram.

Dr. Carlos Imbassahy

Aos Amigos e Confrades do Rio de Janeiro

Comunicamos que é Representante de «Revista Internacional do Espiritismo» e de «O Clarim», na Capital Federal, cidade do Rio de Janeiro, o nosso confrade Antonio Pereira Guedes, residente à Rua Haddock Lobo, 419-A, Casa 37 — Térreo — e com Telefone 48-0612, onde será encontrado, atendendo ao intêresse dos assinantes e amigos de nossas publicações.

Carta a Henrique Rodrigues

Luiz Caramaschi

TEMOS, em mãos, sua prezada carta de 9/7/58, na qual sinceramente expõe seus pontos de vista, os quais merecem os nossos melhores respeitos. Gostamos da sua maneira franca de tratar as coisas; por êsse mesmo diapásão nos afinamos. Não somos nenhum fanático que se enfureça contra quem confunda São João com um João Ninguém. Podemos não concordar, mas, respeitamos a opinião alheia.

Na verdade, o que somos todos é filósofos, na acepção do termo, que é amigos da sabedoria. Não somos «sofos», e até nem sabemos se os há, de fato, na Terra.

Nosso método de pesquisar a verdade, consiste em sermos, em dois tempos contíguos, racional e intuitivo. Êstes dois momentos do nosso ser se alternam numa continuidade, numa progressividade, até que se tenha relativamente esgotado o assunto a que nos propomos examinar. Achamos que assim como a razão, para se desenvolver, apoiou-se na fase instintiva precedente, de igual modo a intuição (fase consciencial, e não pretendida mediunidade) se há-de apoiar na razão.

Quando somos racionalistas, pegamos uma premissa e vamos até às últimas consequências, doa a quem doer. Porém, para uso nosso, privado, temos uma porção de «certezas» que não externamos (a não ser como mera hipótese de trabalho), porque impossível nos seria prová-las.

A razão é tão relativa, que até as afirmações só são válidas em função do todo em que se enquadram. Elas dependem do motivo pelo qual foram ditas. Estando nós no combate, temos de usar das regras da luta, que consiste em sermos a antítese do nosso opositor. Nas «Elucidações» nós contrastamos o sr. Edgard Armond, porque, numa discussão, a gente precisa tomar uma posição extrema. Se o opositor nos disser: é prêto; nós temos de afirmar: é branco. Na realidade, a verdade é sin-

tética, é cinza, é a reunião dos dois opostos branco e prêto. Mas se o opositor nos diz: é prêto; e nós dissermos: é cinza; o resultado final vai ser o cinza escuro, que não corresponde à síntese esperada, ou cinza médio.

De modo que é preciso considerar no homem dois comportamentos: um para uso privativo dêle, e outro para uso público, isto é, dos outros. Estamos nos referindo a quando estamos envolvidos na luta, e não, de certo, a quando estamos nos momentos de calma, em que nós somos nós mesmos. Esta bipolaridade é a dura contingência de quem tem de lutar.

* * *

O prezado amigo nos afirmou, em sua carta, que lhe basta a capacidade de raciocinar, pelo que não se baseia, nunca, no *princípio da autoridade*, seja ela de Mateus, seja de Marcos, seja de Lucas, seja de João, seja de Kardec, etc. Respeitamos seu ponto de vista. Todavia a gente precisa fundamentar a razão nalguma coisa não provada, num postulado, numa verdade apriorística, de fé não demonstrada. Do contrário iremos dar conôscio, onde foi parar Davi Hume, o rei dos spiritistas, e por isso, também, o dos céticos... Humberto Rohden está com a razão: quem não supõe nada, nada pode provar. Qualquer edificação exige um fundamento que não é nosso, o qual não podemos provar. São os postulados. Defina, o amigo, se fôr capaz, *ponto, linha e plano*, da geometria, sem cair no que os lógicos chamam «petição de princípio», ou círculo? Quem não quiser assentar o raciocínio sôbre alguma premissa, por ser indemonstrável, não construirá coisa nenhuma.

A lógica, com ser poderosa alavanca, por isso mesmo, não funciona sem ponto de apoio (a premissa maior) o qual, por seu turno, tem de se apoiar em outra coisa, e esta, em outra, e assim por diante. Chega-se a um ponto em que o apoio vira postulado indemons-

trável. Se o amigo negar tudo, por indemonstrável, acabará com Voltaire, admitindo que o próprio Cristo não existiu, não passando, êle, de puro mito solar encarnado numa personagem legendária, tão real para nós, como era Hércules para os gregos.

Paulo de Tarso, falando no Areópago do Deus desconhecido, foi ouvido com atenção até que tocou na ressurreição dos mortos; neste ponto os gregos lhe disseram: «A cêrca disto te ouviremos outra vez» (Atos 17,32). A coisa é que os gregos estavam possuídos por outras verdades diferentes daquela que lhes queria inculcar Paulo; e é tolice crassa afirmar que «o saber não ocupa lugar». Poderá não ocupar lugar no espaço, simplesmente porque não é matéria; mas ocupa lugar no espírito que, estando tomado por uma verdade, repele, naturalmente, as outras.

As verdades mais fundamentais da nossa vida não foram provadas, e apenas as aceitamos com a educação ou pela autoeducação. Tinha razão Mika Waltari quando disse pela bôca de Aziru:

«— Que é a verdade, Sinuhe? Quando o sangue sírio houver absorvido suficientemente a verdade que lhes ofereço, jurarão por todos os deuses que essa é a única verdade, e não acreditarão em ninguém que afirme o contrário.» (O Egípcio, 307).

Eis como Cristo, segundo o pensar voltairiano, é uma personagem fabulosa, mero encontro e resultância de lendas e mitos solares. A energia solar se condensa num grão de milho ou trigo, e de aí veiu o culto do milho e do trigo, filhos do Sol. O trigo e o milho morrem e viram pão, para infundir no homem a energia dos raios-de-Sol os quais, no culto egípcios de Akchenaten, eram terminados por minúsculas mãos segurando «o *ankh*, o antigo símbolo egípcio da vida — um oval des-cansando sôbre a letra T. O *ankh* fôra tomado de muitas religiões, e também se encontra na arte cristã, como a *cruz ansata*, ou cruz de ansa. Originalmente, sem dúvida, teve ela uma significação fálica» (Charles F. Potter, História das Religiões, 26).

Ora Jesus se nos dá como pão vivo que desceu dos céus (João 6, 35 a 41); ora nos manda lhe comamos a carne e lhe bebamos o sangue (João, 6, 50

a 58), fato êste simbolizado no pão e vinho da eucaristia (Mat. 26, 26 a 30— Marc. 14, 22 a 25). Com isto aperfeiçoou as práticas antropofágicas dos mais antigos que comiam os velhos patriarcas para lhes incorporarem as virtudes.

Cristo seria a síntese humana do ciclo do milho e do trigo os quais caem na terra, e morrem, e ressuscitam, em abundância de grãos, para a vida, e daí o dizer que «se o grão de trigo, cair na terra, e não morrer, êle fica só; mas se morrer, dá muito fruto» (João, 12, 24).

Por êstes caminhos vão trilhando todos aquêles que estiverem dispostos a perder a fé, se são apenas racionais e não, também, intuitivos.

Os que nada podem alcançar pela intuição e pela fé, depois de muito pesquisarem, chegam à conclusão de que tudo são lendas aceitas como verdades. As lendas repetidas de bôca em bôca foram as sugestões que produziram a hipnose coletiva, e dêste modo o cristianismo cresceu de sonhos, de alucinações, de utopias, e de visões superconscientes. Se a gente, por êste modo de arrazoar, conseguisse quebrar o encanto do mundo, como está fazendo, lá, o seu mestre ou modelo Mário Cavalcanti Melo, antes de fazer que o mundo pare de dançar, ao som da maravilhosa música extraterrena, antes disto teria quebrado o próprio encanto, e, acordado da hipnose, acabaria onde se acabou Nietzsche.

Quem se propõe a quebrar a lira da fé (que é só intuitiva, e não, racional), e a abafar o canto da consolação, não pode ser abençoado por Deus, nem assistido dos nossos maiores no bem. Todavia o Sr. Mário Cavalcanti Melo a si mesmo se impôs esta ingrata tarefa, pelo que, visto como deseja mesmo jogar-se no abismo, nós lhe recomendamos «Sistema dos Mitos» de Oliveira Martins, e «Origens de todos os cultos» de Dupuis.

Se Jesus Cristo não existiu, porque teriam existido Buda, Zoroastro, Moisés, Lao-Tze, e outros que tais? Não seriam êles apenas homens inteligentes e excêntricos, que a lenda (poesia da história) endeusou, atribuindo-lhes poderes que, nunca, nenhum homem teve? O amigo tem experiências de hipnotismo? Sabe como agem as sugestões? O que é a fé?

Até mesmo a matemática é relativa, como o demonstramos em nossa «E-lucidación n.º 7». Podemos conceber o espaço como plano para qualquer lado (infinito), esférico, elíptico, hiperbólico, e sôbre qualquer destas concepções fundamentar o postulado básico de uma dada geometria e trigonometria. Porém é axiomático que, de tantos postulados, um só há-de ser o verdadeiro. Mas qual será êle ?

A razão é curva, e se fecha sôbre si mesma sem possibilidade de evasão ; transposto, todavia, o seu limite, começa outro modo de pensar que é o feito só por meio de axiomas ou premissas ; é o método dos místicos. Mas êstes pensamentos axiomáticos só têm valor para quem os alcança, sendo impossível demonstrá-los racionalmente. É, então, que cada um se vê obrigado a guardar as verdades só para si, e se as apresenta, como fêz o Prof. Ubaldo, em «Deus e Universo», o faz como *hipótese de trabalho*.

Sendo a razão curva, fechada, e sem possibilidade de trabalhar em suspenso, no ar, ou o amigo supõe, por verdadeira, uma coisa não provada, ou estará perdido, sem nenhuma escapatória.

Poder-se-ia dizer, todavia, que a intuição é falha, confundindo-se com a fantasia, com a imaginação. Isto está certo ; êste é o motivo por que ela precisa ser controlada, racionalmente. Não a devemos desprezar, contudo, a pretexto de não ser método seguro, porque estaríamos procedendo, num plano mais alto, exatamente do modo como faria um animal que, por confiar no instinto, desprezasse a fase racional, por insegura, visto que começa com o ensaio-e-êrro. A racionalidade é, também, falhíssima, para quem se sai da fase instintiva. Certo, exato, preciso é o instinto, porém limitado a uma linha ; mais livre à razão, onde a linha instintiva se alarga, porém, falhíssima zona, em que se dão tôdas as quedas possíveis. Apesar disto, preferimos a razão ao instinto.

Com o perpassar das idades milenárias, a razão se tornou no método seguríssimo, do qual não queremos abrir mão, e sem o que não penetraremos nos reinos fabulosos da intuição. Aqui está o êrro. É preciso irmos abandonando a fase racional, e trabalhando com

a intuição, para que esta se desenvolva até ao ponto de *nos sentirmos tão seguros nela*, quanto o somos nós na fase racional, e o animal, na instintiva.

Qual é a diferença entre um animal e um homem ? A diferença é que o animal espera que a razão se lhe desenvolva, por milagre, sem esforço próprio, no passo que o homem, ao contrário, duvidando de tal milagre, realizou a maravilha do auto-esforço. A mesma regra impera no que se refere à intuição. Esta não vem por milagre, mas, por esforço de conquista. Todavia para êste fato se efetive, é preciso não duvidarmos da intuição, na ora em que o processo se estiver realizando. Neste momento devemos duvidar da razão, e desejar, ardentemente, fugir-lhe às limitações angustiantes. Quem se sentir ufano de sua fase racional, certo de que a razão é tudo, não subirá à intuição, como não subiu à razão o animal contente e seguro da sua cômoda fase instintiva. A regra áurea é esta : assim como o animal explora a fase racional, apoiado na instintiva, nós devemos explorar a intuitiva, apoiados na racional.

* * *

«A Grande Síntese» diz, é exato, que todo ciclo pressupõe um outro, inverso e complementar. Logo, se o ciclo é evolutivo subentende o involutivo, pela mesma razão, êste exige outro, anterior, evolutivo, e assim por diante, indefinidamente. Todavia neste ponto nós deixamos a razão e a lógica moendo cá em baixo, nos elevamos ao plano da intuição, e nos saímos com esta, para nosso uso particular : O relativismo que marca os ciclos múltiplos, não atinge o ciclo máximo, que só teve uma descida e terá uma subida. E isto tem o apoio de «A Grande Síntese» que afirmou, precisamente, a tratar dos ciclos múltiplos, que o maior é de «abertura constante» (pág. 76). Logo, o inverso, o da queda, foi de fechamento constante, para que, do infinito negativo, principiasse o ciclo evolutivo. Estas premissas nos satisfazem plenamente. Contudo o racional continua, insatisfeito, opondo-nos as suas objeções. Por amor dêles, desçamos, agora, ao plano da racionalidade, e metamos entre as mós do moinho da lógica, o seguinte :

A relatividade não é absoluta; ela está na periferia, e não, no Centro: está no caos e não, na Ordem, em Deus. Se fizermos a relatividade absoluta, dominando tudo, o mesmo Deus fica relativo e não, absoluto... O homem está tão habituado a operar com absolutos («A verdade tinha que ser um absoluto»-37), com verdades estanques, que o conceito de relatividade ficou, também, absoluto, invadindo todos os domínios, donde se dizer, com ênfatismo: **TUDO É RELATIVO...**

Tudo é relativo? Logo, Deus, com ser o Tudo, também é relativo? Sim. Então o absoluto é relativo? Sim. Logo, a relatividade é absoluta? Sim. Então, como o absoluto é relativo, sendo, agora, a relatividade, absoluta, segue-se que a relatividade é relativa...

Tornemos porém, ao enunciado anterior, e digamos, de novo: *tudo é relativo*. Mas a relatividade está incluída nesse *tudo*? Suponhamos que sim. Neste caso, porque tudo é relativo, por isso a relatividade também o é, visto como se inclui no *tudo*. Suponhamos, agora, que a relatividade não se inclui no *tudo*, com que *ela não é relativa*; logo, ela é absoluta, e, como já vimos, sendo relativo até mesmo o absoluto, a relatividade, com ser absoluta, é relativa...

Por estas alturas, o racionalista, desesperado da sua lógica, brada que isto é sofisma. E que é sofisma? Sofisma é um raciocínio lógico, porém, *sobre base falsa*. Como a base é a premissa maior que diz: *tudo é relativo*, segue-se que esta premissa é falsa, e a verdade é que *nem tudo é relativo*. Mas digamos que aquela premissa não é falsa; então, o raciocínio não é sofisticado, e temos de aceitar a conclusão dêle que nos diz ser a *relatividade relativa*. Eis como a razão é curva, fechada sobre si mesma, e tendo feito uma afirmação, na premissa, negou-a, nas conseqüências. Se, pois, considerarmos a premissa: *tudo é relativo*, como verdadeira, a conclusão nos diz que *a mesma relatividade é relativa*. Se admitirmos o raciocínio como sofisticado, então a premissa: *tudo é relativo*, é falsa.

Dizer que *tudo é relativo*, de fato, é absurdo, porque, neste caso, o absoluto, com se incluir no *tudo*, também fica relativo. Quando se diz que o absoluto é relativo, o atributo nega o sugei-

to, na oração; é como se dissesse: *êste prêto é branco*. Dizer, de outro modo, que *tudo é relativo*, é o mesmo que afirmar que *a relatividade é absoluta*: eis, de novo, têrmos que se excluem, por oposição, um negando o outro. Por todos êstes caminhos, vimos que *a relatividade é relativa*.

Façamos a comprovação da verdade que diz: *a relatividade é relativa*. Disto tratou a «Elucidação n. 8». A relatividade é relativa? Logo, existe *relatividade na mesma relatividade*. Ela é tanto mais relativa, quanto mais se rumma para a periferia, para o pormenor, para o fragmento, para o menos infinito, ou não-ser. Neste ponto, no caos, os fenômenos resultam de infinitas contingências, pelo que tudo se torna uma balbúdia tão assombrosamente grande, que não se pode achar a *constante na variação, que é a lei*. Não há lei, porque há o caos, tendo a relatividade atingido a sua plenitude. Por esta mesma razão o absoluto se extinguiu e se tornou em nada. Inversamente, quanto mais se avança para o geral, mais a lei se evidencia e simplifica, tendendo, sempre, cada vez mais, para a unidade. Onde impera a unidade, a relatividade cessa. A unidade total não é relativa a nada, porque, não lhe pode haver têrmo de relação; ela é única, total, absoluta. Por isto, porque a *relatividade é relativa*, nem tudo é relativo, e o absoluto é absoluto mesmo, e não contingente. Não há nada que o contraste, de fora, ou se lhe oponha, senão a mesma relatividade que o absoluto abarca e governa na sua unidade múltiplice, com que universo vem a ser *uni + verso*, ou seja: a unidade na variedade, ou ainda: a unidade mais a sua contraparte multiplicidade.

Dêste modo, os ciclos múltiplos são relativos, e nenhum há que não tenha o seu oposto e complementar; mas isto é só com os *ciclos múltiplos*. O ciclo máximo do Tudo, com ser absoluto, não é múltiplice, mas, unitário; não se contrasta, nem se opõe a outro Tudo, porque, se houvessem dois Todos opostos e complementares, o **TODO** verdadeiro havia de ser a síntese e reunião de ambos. De maneira que, no último limite positivo, a relatividade cessa.

Atualmente vamos supor que a relatividade seja, de fato, absoluta, pelo que

o ciclo máximo, de subida, se contrasta com outro de descida, o qual pressupõe um anterior de subida, que exige outro de descida, e assim por diante indefinidamente. Isto olhando para trás, para o passado eterno. Se olharmos para o futuro, êste ciclo de subida, que ora vivemos, se contrastará com outro de descida, pelo que haverá uma outra subida, etc. Suposto isto, vem os corolários inexoráveis :

I — Deus (na sua expressão criativa, monística ou imanente) é um macrocircuito cósmico caos-ordem-caos-ordem... ou seja, destrutivo-criativo-destrutivo-criativo... que projeta a criatura para os caos, onde esta se desfaz em nada; dêste ponto atrai a substância de que a criatura era feita, a qual (substância) volta noutras construções, noutras criaturas que, pelo martírio e pelo esforço, se refazem, evoluindo, para Deus, depois, a moer de novo.

II — Tudo se faz para atender a um motivo; o de Deus seria o de satisfazer a sua dor-gôzo, porque, para êle agir assim, há-de-ser um insaciável masoco-sadista. Êle goza sofrendo (masoquismo) na e pela criatura, e goza, outra vez, pelo saber que ela só sofre (sadismo), Sofre Gestas, porque é Gestas, e Cristo, porque é Cristo, visto como, não há fugir: o universo se acha fundamentado sôbre a dor.

III — Não nos adianta avançar, retroceder, ou parar; em qualquer dos casos seremos eternamente triturados pelo colosso Moloc sade-masoquista.

IV — O criado faz a escalada evolutiva, esforçando-se, por cuidar que Deus é bom. Mas quando, nas fases iguais ou superiores à nossa, descobre o plano divino, rebela-se, mergulha de novo no nada. Quem sabe Satanás, sob a impulsão dêste pensamento, ruma-se para os caos e nada. Lá, o que se formar da substância divina residuada dêle, pensa o inverso, e, por isto, se sobe para Deus, perto do qual, mudado o pensamento, se desanda, de novo, para o nada. E subindo, ou parando, ou descendo, o ser sofre, e Deus alcança o seu fim que é a dor-gôzo.

V — Cristo, neste sistema, assemelhar-se-ia ao pastor Davi que arrancava as ovelhas (que somos nós) das bocas dos lobos e dos ursos (demônios-espíritos trevosos) para elas irem morrer

sob o alfange do patrão. Não adianta fugir, porque a moral da fábula é esta: quem nasceu para os dentes, para os dentes há-de-ir, não importa se os de Davi, ou se os de um leão.

Tais serão as conclusões forçosas, mais que blasfemas e desconcertantes, se apenas fizermos isto: considerarmos que *tudo é relativo*, ou seja, que a *relatividade é absoluta*. Então, para não se ficar nesta angústia, precisamos considerar o grande ciclo destrutivo-criativo como único, não o abarcando a relatividade; êle se situa no absoluto.

De maneira que se, como o amigo declara, estas coisas de «Deus e Universo» são ranços do catolicismo romano, impregnando o subconsciente do Prof. Ubaldi, se êstes ranços constituirem a verdade, êles vencerão. Dêstes ranços estão cheias tôdas as revelações das grandes religiões da Terra, como o amigo poderá averiguar. E isto é porque êstes angustiantes problemas azucrinaram sempre os juizes de todos os gênios da humanidade; e é impossível que alguns dêles não se tivessem aproximado duma solução para uso humano. Não se trata de pretender devassar os profundos e inconcebíveis desígnios de Deus, mas, de, apenas, encontrar uma solução para uso humano, que concilie duas coisas reais: o amor de Deus, que todo é amor, e as dores e flagelações sôbre as quais se fundamenta o universo. A coisa terá que ter fim, para sossego da mente, que, do contrário, nisto, precisamente, residirá o *inferno eterno* (a duvida), até mesmo para os eleitos. Aqui, também, «o «ignorabimus» quer dizer: falência» (A Grande Síntese, 16). A dor do universo, ou causa gôsto, ou causa desgôsto a Deus. Se causa gôsto, a dor será eterna, e Deus, ao menos do ponto de vista da criatura, não pode ser a bondade e o amor mesmos. Se ela lhe causa desgostos, não foi desejada por êle, e apareceu como meio de corrigenda de uma queda *possível*, mas, não *necessária*, a qual terá fim.

Se todos os homens, um dia, não viessem dar consigo mesmos, por aqui, tudo estaria bem, e até poderíamos dizer, parodiando o dito de «Sua Voz»: Bem-aventurados os que podem viver sem saber e sem perguntar» (A Grande Síntese, 123-124). Mas isto é só paródia, e a verdade é que esta é uma

passagem forçada e necessária para todos, estreita e perigosa, sobre abismos sem fundo. Do que decidirmos aqui e agora, dependerá o nosso futuro, não tenhamos dúvidas... E não esperemos revelações de um Emanuel, ou de um André Luiz, porque êstes problemas ou são ou serão os dêles também...

Como vê o amigo, a sua hipótese simplista do «ranço católico» é por demais precária. E para que os pósteros não tenham de refazer todo êste esforço, e antes, desimpedidos, avancem noutros rumos, julgamos de utilidade espalhar cópias desta carta, autorizando-lhe a publicação.

Por esta mesma razão, conquanto desejássemos aceitar o convite gentil do amigo, para irmos, aí, em Belo Horizonte, afim de discutirmos os pontos anotados nas «Elucidações», para um confronto de idéias, por esta mesma razão, repetimos, achamos que tais pontos deverão ser discutidos, não em recinto a porta fechada, mas, de público, pela imprensa, para que os resultados, quaisquer que êles sejam, possa também servir à posteridade. Isto não é um desafio para polêmica, porém, um pedido justo de um amigo que não quer ver a luz, se a encontrarmos, metida debaixo do alqueire.

Temos, acabada, desde outubro de 1957, uma obra cujo nome é «Gênese e Estrutura do Universo». Neste trabalho debatemos tôdas estas questões. Infelizmente não a pudemos ainda passar na gelatina, estando ela num manuscrito de 294 páginas de fôlhas maiores do que o formato officio. Nesse discurso, começamos fazendo três ou quatro proposições contra «A Grande Síntese», para, depois, provar tudo com «Deus e Universo», com a ciência oficial e com as obras de André Luiz. Há, no trabalho, coisa inédita, experiência, por meio de aparelho, por exemplo, para demonstrar que, como afirma «Sua Voz», a gravitação é filha do binário centrífugo-centrípeto de fôrças. Chegamos, pel «A Grande Síntese», à conclusão de que a substância se manifesta trifásicamente (A, B, Y,) desde a origem, havendo tantos espaços, com suas

respectivas matérias (Y) tôdas ocupando o mesmo lugar, sem se interferirem, quantas são as possíveis curvaturas espaciais. A matéria (três dimensões-espaços) existe em todos os planos, como nô-lo diz André Luiz, até no angelical, porém, com raios de curvaturas variáveis, disto decorrendo infinitas propriedades diferentes. A materia do plano angelical é diáfana, e seu espaço possui máximo raio de curvatura, no passo que, as matérias de máxima concentração, como a pasta nuclear, possui espaço de raio mínimo. A matéria dos planos altos é desencurvada, e a dos baixos, encurvadas. Estas conclusões se acham implícitas nas premissas condensadas em «A Grande Síntese», a portentosíssima obra do porvir; de fato, «tremendamente dinâmica e fecunda, ela basta para criar uma nova civilização» (A Grande Síntese, 92).

Tinhamos, nós, já, lido quase todo o livro grande, isto é, grosso, do Sr. Joviano Tôrres «Totalidade e Sociologia», quando parámos, pelo enfastio que nos deu tanta prosápia, prosopopéia e farolice dêsse autor excessivamente prolixo, que propõe a sua obra como sendo a verdade mesma, e nos manda que a aceitamos sem provas nenhuma, nem raciocínio, como puro e simples ato de fé. Faltava ler a terceira parte do livro, e talvez nunca o fizéssemos, não fôssem as circunstância a isto nos forças. Com o Sr. Joviano atacou «A Grande Síntese» e ao Prof. P. Ubaldi, por isso, nos decidimos a ler o resto da sua obra, porém, desta vez, *com a caneta na mão*. E não é que lá pela página 563, na nota 99, encontramos outro ataque à «A Grande Síntese»? Já vai para um ano que interrompemos aquela primeira leitura, pelo que não sabíamos da existência dêsse ataque. Todavia êste resto da leitura fizemô-la, *de caneta na mão*, como dissemos, o que, ao Sr. Tôrres lhe vai doer muito, sem dúvida nenhuma.

Caro amigo, ficamo-nos, por aqui por agora, com o nosso abraço fraterno, que fazemos extensivo ao Romanelli.

Piraju, 20 de Julho de 1958

Fatos, não Palavras

Haverá em nós um elemento, um princípio que persista depois da morte do corpo?

Esta foi a frase inicial que Leon Denis deixou tipografada no seu primoroso livrinho de menos de cem páginas luminosas — «O Além e a Sobrevivência do Ser».

Em tôrno dêsse assunto temos escrito alguns artigos, no desejo de refutar opiniões contrárias.

Pode-se crer que nada restará da nossa consciência, da nossa personalidade, de tudo que temos sido espiritual e moralmente, depois de reverter à terra o nosso corpo físico, após a decomposição do nosso cadáver?

Já passamos em revista alguns fenômenos registrados na história da Igreja Romana e na história da civilização, que depõem seguramente a favor da sobrevivência do ser. Pondo de parte a documentação religiosa e as teorias filosóficas, cuidemos apenas das provas positivas, das experiências verificadas e dos fatos concretos e controlados científica e experimentalmente, capazes de esclarecer sem sombra de dúvida a nossa convicção. Não invocamos outra coisa, a favor do nosso esclarecimento, sinão a verdade nua, a evidência insofismável dos fatos controlados cientificamente.

Observemos êsse problema à luz da ciência experimental. Eminentes cientistas, sábios de fama universal, padrões humanos de honestidade e de inabalável caráter, homens anteriormente céticos, positivistas ou incrêus, ao cabo de experiências absolutamente exatas, provaram que o ser é imortal. Depois de experiências dêsse gênero por êle publicadas no livro *Fatos Espíritos*, William Crookes, a mais notável figura dos cientistas do seu tempo, escreveu a célebre declaração: «Não digo: isto é possível; digo: isto é verdade.» Nem foi outra a base de Russel Wallace, membro da academia Real de Londres, para afirmar na sua admirável obra — *O Milagre e o Moderno Espiritualismo*, o seguinte: «Eu era um materialista tão completo e experimentado que não po-

dia, nesse tempo, achar lugar no meu pensamento para a concepção de uma existência espiritual... Os fatos, entretanto, são obstinados; os fatos me convenceram». O professor Hyslop, da Universidade de Colombia, Nova York, encarregado de opinar sobre a mediunidade de Mrs. Piper, lançou êste período incisivo, no seu relatório; «A julgar pelo que eu próprio vi, não sei como poderia furtar-me à conclusão de que a existência de uma vida futura está absolutamente demonstrada». F. Myers, professor illustre da Universidade de Cambridge, no seu livro — *A Personalidade Humana*, afirmou: «Vozes e mensagem nos vêm de além túmulo. Creio que a maioria dessas mensagens partem de espíritos que servem temporariamente do organismo dos médiuns para nêlas transmitir». O presidente da sociedade Americana de Pesquisas Psíquicas, após estafantes experiências, disse num dos processos dessa sociedade: «Acredito, sem a menor sombra de dúvida, que os espíritos que se comunicam são de fato as personalidades que se dizem ser; que sobreviveram à mutação conhecida por morte e que se comunicaram diretamente conosco, pretensos vivos, por intermédio do organismo de Mrs. Piper adormecida.» Consta de um dos processos mencionados que o próprio Richard Hodgson, falecido em dezembro de 1906, se comunicou depois com seu amigo James Hyslop, entrando em minudências acêrca das experiências e dos trabalhos da referida Sociedade de Pesquisas Psíquicas. O reitor da Universidade de Birmingham, Oliver Lodge, pelo «*The Hilbert Journal*», fêz as seguintes afirmativas, que a revista *Light*, de 8 de julho de 1911, transcreveu: «Falando por conta própria e com pleno sentimento de minha responsabilidade, dou testemunho de que, como justo resultado das investigações que fiz no terreno do psiquismo, adquirí por fim, mas de modo inteiramente gradual, a convicção em que me mantenho após vinte anos de estudos, não só de que a continuação da existência pessoal é um fato, como também de que uma comunicação pode

ocasionalmente, embora com dificuldade e em condições especiais, chegar-nos através do espaço.» Esse mesmo sábio assim conclui o seu livro «*Sobrevivência Humana*»: «Não vimos anunciar uma verdade extraordinária; nenhum novo meio de comunicação trazemos, mas apenas uma coleção de provas de identidade cuidadosamente colhidas, por métodos desenvolvidos, ainda que antigos, mais visinhos da perfeição talvez dos que empregados até hoje. Digo provas cuidadosamente colhidas, pois que os tratagemas empregados para a sua obtenção foram postos em prática de um e de outro lado da barreira que separa

o mundo invisível do mundo visível; houve distintamente cooperação dos que vivem na matéria e dos que se libertaram dela.»

Diante disso, que valem as negativas dos que nunca fizeram uma única experiência séria? Que papel representam esses parlapatões bisonhos que negam apenas com palavras ôcas aquilo que se afirma com fatos?

Ante o que afirmam celebridades da ciência, citadas, que vale mas palhaçadas de magnetizadores e escribas religiosos sem base científica?

Aleixo Victor Magaldi

◀ O Homem com seu Relativismo ▶

v. lirenedo

A criatura humana tem que sempre ler e instruir-se. Cultivar a mente é aperfeiçoar o nosso Espírito, o qual guarda para sempre e para o seu bem o que vai assimilando através da peregrinação por planos e planos de vida. Entre os humanos, por via de nossa vagorosa e medíocre evolução, a cultura infelizmente sobe à cabeça da criatura fazendo-a vaidosa e pretensiosa, fazendo-a considerar-se pouco de sapiência. E nisso está e vai um tremendo mal. Ser grande na Terra não significa ser muito no Cosmos, absolutamente. O Cosmos constituir-se-á de mil cursos ultra-superiores, a pequena Terra é ainda um apagado curso elementar. Aqui, um jardimzinho de infância. Mais além, mil universidades proficientíssimas...

O proficiente espírita, estudioso dos livros da Doutrina, muitas vezes, em obras ditadas por Espíritos grandemente elucidativos, topa uma e outra passagens em que o Mensageiro noticiariasta explica não ser-lhe dado ainda saber dêste ou aquêlê detalhe mais recôndito referente ao plano espiritual em que se acha, declara não saber *todavia* acêrca de assuntos ou coisas de outros planos mais ou menos próximos ao em que êle Espírito se situa ou opera presentemente. O encarnado estudioso do Espiritismo não ignora haver coisas que o Espírito conhece mas não pode revelar

aos terrenos, porque seriam informes contraproducentes, inoportunos, inconvenientes. E o estudioso sabe que o facto de êsse Espírito mensageiro estar em patente evolução espiritual não implica, domine êle sabedoria superlativa. Há graduação, há hierarquia marcante nessa evolução; gradativo é êsse saber.

Uma coisa é o Espírito estar em efetivo perlustrar na senda de luz progressiva que nos espera a todos, e outra coisa será estar êsse Espírito já nas regiões da angelitude, dentro da sapiência-consciência cósmica que é característica inerente fundamental dessas paragens. O encarnado estudioso do Espiritismo compreende, já sabe, pois viu provado em tantas obras ditadas do Além, que homens super-cultos no mundo da carne, agora no Espaço têm, no conhecimento, no saber maior, um campo limitado, respeito ao novo plano; suas percepções mentais estão aquêlê daquele padrão que poderíamos supor. Na Terra, tais criaturas eram luminares, já no Espaço, sem perderem um mínimo do aprendido na carne, vão êles tateantes, vão assimilando dose por dose os valores ambientais. Aqui no mundo da forma, grandes mestres e eruditos de prôa; no mundo etéreo, simples alunos, aprendizes incipientes. Sêrio e ponderável detalhe êsse, esmagador de terrenismo; seríssima evidência própria a diluir o nosso tradicional orgulho

mundano, própria a fazer desabar a pretensão escorada nos dotes que possuímos, na capacidade mental que trazemos, na cultura e sapiência que adquirimos e assimilamos entre os homens. Facêta transcendente, tôda evangélica, para meditação constantes dos instruídos da Terra, em geral, principalmente para os grandes versados na teologia, que só por isso se julgam bem capacitados na interpretação dos desígnios divinos. Ângulo de importância capital essa diferenciação de sapiência entre o Espírito jungido à carne e o mesmo Espírito liberto da carne, realidade a servir de legítimo alertamento a grupos sacerdotais intelectualistas e a coletividades dogmatizadas, mais ou menos letradas que observam, que *visualizam* divinismo em seus chefes espirituais, dizendo-os infalíveis; sacerdotes e blocos tradicionalistas que sem nada analisarem do agir e reagir, do fazer e do atuar dêsses mesmo chefes os endeuçam em feitio até pagânico e estribados principalmente no fato de êles serem inteligências desdobradas sôbre várias ciências do mundo, sôbre altas filosofias abrangendo um punhado de idiomas do mundo...

Mas, insignificante mesmo é o cérebro humano comparado à mente cósmica, a qual se forma, laboriosamente, através dos séculos, de luz maior, de conhecimento maior, de experiência maior e sobretudo de evangelização completa.

Afirmou algures que não é dado ao homem conhecer a extensão de sua própria ignorância, mas muitos não querem aperceber-se dessa verdade; dentro de seu hominal academismo obstinam-se por surgir e permanecer junto aos semelhantes quais himaláias de sapiência — sabedoria afinal sempre estreita porque terrena. Mas, o que é o

planêta Terra no concôrto dos mundos e das inúmeras moradas do Pai Divino?! O homem atual não mais pode fugir à evidência de que a Terra é planêta de evolução espiritual sofrível, plano mais de expiação através do qual as almas se desbastam na experiência da campanha incessante para o galgar do mais alto. A Terra física é habitação de almas imperfeitas, e está nessa mesma imperfeição a nossa capacidade mental. Mesmos os planos extra físicos mais evolvidos dêste planêta não são moradas angélicas mas sim estações temporárias de Espíritos em caminho da perfeição. Sômente o Cristo sobrepairou altamente o gabarito máximo da humanidade, pois que Êle vinha das esferas excelsas, era emissário do Pai Divino, era médium de Deus incumbido de anunciar aos terrenos o reino celeste com muitas coisas dêsse âmbito eterno. Mas afora o Nazareno, todos os encarnados, de ontem ou de hoje, quer trate-se de um Crisna, de um amoroso Buda, de um disciplinador Moisés, dos iluminados Profetas, dos abnegados Apóstolos, de um desprendido e heróico Francisco de Assis com um perseverante Ghandi, todos trouxeram e todos os que estão ainda na carne trazem, ora leve ora funda a marca da imperfeição terrenal. Meditemos repetidamente sôbre a evidência meridiana da incompleta inteligência da humanidade, do falho e fragmentário saber do mundo terreno nós que nos julgamos focos intensos de conhecimento. As academias terrenas, com todo o seu saber são grãos de areia no espraiamento imensurável da sabedoria-consciência cósmica — êsse galardão de angelitude a dar à criatura espiritual mais e mais centelhas do Criador do Sumo Bem, centelhas vivíssimas do Pai Divino onisciente.

Aprenda esta Lição

Não se entristeça quando cair ao lado da estrada.

Isto significa que você precisa aprender a lição que lhe ensinará a não repetir o êrro.

Você é espírito que precisa manifestar-se por meio de um corpo físico, e os corpos apenas são máquinas, mecanismos muito complicados e intrincados, mas obedientes às leis naturais. Se elas forem quebradas, você terá que pagar as conseqüências.

SILVER BIRCH

⌘ Não Podemos Calar! ⌘

MAC MAYNARD

Há problemas nacionais que nós, espíritas, não podemos calar, problemas que dizem bem de perto à Doutrina Libertadora que é o Espiritismo; pois não podemos deixar de lembrar que o Espiritismo foi codificado por um professor, por um ilustre discípulo e colaborador de Pestalozzi, codificado por um homem de cultura e que amava a cultura...

Uma das glórias do Ensino em nossa Pátria é o Prof. Anísio Teixeira, professor que traz uma bagagem considerável de benefícios à cultura brasileira; reconhecido pelos homens libertos de preconceitos medievais, homens de espírito aberto à cultura, amantes da ciência e da humanidade.

Mas, existe ainda um ranço medieval em nosso país, haja vista o «Memorial» dos bispos do Rio Grande do Sul atacando o inatacável professor brasileiro. Reuniu-se no Sul um grupo de bispos estrangeiros para meter a colher de pau no ensino do Brasil... pela assinatura do «memorial» vê-se que não é propriamente assunto para alienígena: — «Sherer; Zattera; Zorzi; Colling; Nadal; Santorl; Kunz; — nomes, como se vê, pouco recomendáveis para um assunto eminentemente nacional.

Explica-se a fobia que êsses purpurados têm pelo inclito professor: é a educação progressiva... nada de progressiva, nada de educação nova, nada de educação evolucionista...

Ah! que saudades do Santo Ofício... Se fôsse naqueles belos tempos, o nosso professor seria hoje um «churrasco» para maior glória de Deus e da Santa Madre! Teria o destino de um Ferrer.

Positivamente o catolicismo não quer a evolução, não quer o aperfeiçoamento dos métodos de ensino, não lhe convém; seria melhor que continuasse como naqueles tempos do Magister dix. As obras de Dewey foram queimadas em praça pública no Brasil e no Peru, e não queimam hoje o Professor Anísio Teixeira porque não estamos nos dito-

sos tempos da Santa Madre; a mestra «infalível.»

Os bispos não podem concordar com o Professor Anísio Teixeira quando diz: — «A transformação por que passou a juventude atual, nos seus métodos de vida, nos seus costumes, nas suas aspirações e nas suas coragens de ação, é interpretada como uma singular crise de caráter. A nova geração está perdendo a forte marca antiga de disciplina, solidez e segurança que fazia a honra da geração estável, conformada e cumpridora de deveres que foi... a geração anterior. E não falta quem culpe a escola... E agora, os visos da acusação, parece, se corroboraram. As escolas passam, com efeito por transformações alarmantes. A velha autoridade dos mestres já não é a mesma, se é que existe ainda. A própria autoridade dos livros começa a ser posta em dúvida. Há, pelo menos, uma porção de livros, e de opiniões adversas, — todos sendo igualmente compulsados e lidos. Critica-se tudo e tudo se questiona. Nada é sagrado. Diante de coisa alguma pára a coragem corrosiva e insolente dêsses pensamentos adolescentes e vivazes... E pior do que tudo isso... Há sinais de aprovação por parte dos educadores. Estranhas teorias percorrem as escolas — de auto-disciplina e auto-governo, de programas voluntários, de liberdade de escolha e de recusa, de expressão das próprias personalidades, de respeito por essas personalidades, e de subordinação dos interesses reais da vida, — que são os dos adultos — aos das crianças e dos jovens, — que evidentemente não podem deixar de ser caprichos e extravagâncias.

Mais é evidente: semelhante educação está a modificar a nossa juventude. É a tal «educação nova», a tal «liberdade» e a tal «expressão da própria personalidade» — que explica os desvarios, as loucuras, as rebeldias inesperadas da juventude moderna.

Assim fala, expressa ou tacitamente, o reacionário, que vive dentro de cada um de nós, repetindo a eterna lin-

guagem dos reacionários de todos os tempos.»

Evidentemente é um conceito contrário à Pedagogia Católica, e os bispos não podem concordar com semelhante tipo de educação: «expressão da própria personalidade» é termo que não se usa no catecismo católico, «liberdade», isso é conceito expúrio, é contrário ao «Himalaia de Dogmas» que há milênios quer ditar regrinhas à Pedagogia; definitivamente a Igreja não pode concordar com a nova Pedagogia, com a nova Psicologia.

Os bispos conhecem muito bem vida de santos e santas, mas saindo dêsse terreno... é lastimável a sua percepção das coisas da vida.

Esquecem os bispos que «não são as escolas as responsáveis pelas transformações do espírito da sociedade. As escolas são como os romancistas também acusados de corromperem a sociedade. Elas, como êles, refletem, tão somente, o que já vai pela própria sociedade. Os educadores buscam ajustar a escola às necessidades dessas transformações, procurando retifica-las e harmoniza-las mutuamente.

A chamada educação nova é a ten-

tativa de orientar a escola no sentido do movimento já acentuado na sociedade, de revisão dos velhos conceitos psicológicos e sociais que ainda há pouco predominavam».

Os bispos deviam lembrar-se de Galileu: — embora a igreja não quisesse que a terra girasse, ela continua girando... Embora não queiram os bispos a sociedade continua mudando, evoluindo, modificando, alijando os conceitos medievais que ainda os saudosistas querem que permaneçam.

O memorial dos bispos do Rio Grande do Sul é matéria para os espíritas meditarem, e, como dizia o grande RUY: — agitar britânicamente... sim, agitar o problema, pois no meio católico muitos coroinhas já vieram dar o seu palpitinho, os espíritas precisam tomar posição neste momento.

A história é a grande mestra da vida, busquemos na História os fatos para mostrar aos incautos que êsse memorial nada mais é do que a ressurreição de velhos e carunchados preceitos pedagógicos do tempo do onça.

ESPÍRITAS! NÃO PODEMOS CALLAR.

Tatuí, 27/6/58.

Crônica Estrangeira

A mesa cumpria as ordens para levitar

De «Two Worlds»

Houve outras manifestações, além de formas materializadas, para indicar a poderosa mediunidade física de Helen Duncan. Permitam-me narrar minha experiência de uma mesa de jôgo levitada.

Certa noite fui visitar a Snr.^a Duncan em sua casa de Edinburgh. Ela estava deitada, repousando com duas netinhas, ao seu lado.

Comecei a falar, como sempre o fazia, sobre Espiritismo. Minha atitude era céptica. Eu sentia que havia uma explicação para tudo isso, e logo pensei que eu poderia resolver o problema para minha própria satisfação se eu obtivesse provas e investigasse.

Naquela noite me referi com ar crítico à confusão da sala de sessão. Porque salas escuras e o uso de sombrias lâmpadas vermelhas, que pareciam essenciais?

Se possíveis fôssem tôdas essas manifestações maravilhosas, porque não poderiam ser realizadas sob condições normais?

«Se, por exemplo, esta mesa pudesse ser levantada acima do soalho» acrescentei eu, eu seria forçado a admitir que nela havia qualquer coisa».

«Isto lhe seria um auxílio?» perguntou ela.

Naturalmente, mas não é possível acontecer. Isso iria contra tôdas as leis da natureza.

«O que conhece o senhor sobre as leis da natureza?» «Estou perguntando se a coisa é possível, mas continue a falar».

Eu falei com as meninas e cui-

dadosamente observei a Snr.^a Duncan.

Ela fechou os olhos. A minha impressão era que ela falava com alguém, pois eu via os movimentos de seus lábios, mas não ouvi som algum.

Logo a Snr.^a Duncan abriu os olhos e dirigiu sua atenção à minha conversa com as crianças.

Não esperei muito tempo. Grandemente surpreendido, a mesa de jôgo pen-deu, se inclinou em ângulo extremo! Vagarosamente ela voltou à posição normal e abandonou o soalho. Seus movimentos eram ponderados, a princípio, então se animou como se estivesse viva. Ela caminhou em volta da sala e quase tocou minha cabeça, por uma fração de polegada.

Perguntei à Snr.^a Duncan se me seria possível dirigir os movimentos da mesa.

«Experimente», foi tudo o que ela disse.

Perguntei à entidade que estava movendo a mesa, se me seria permitido controlar seus movimentos. Poderia a mesa girar por exemplo, por mais de uma vez em volta da sala à distância de uma ou duas polegadas do teto?

Grandemente surpreendido, vi a mesa agir segundo meu pedido, dar voltas em redor da sala, à distância por mim indicada.

Poderia ser isso com maior rapidez? Perguntei. Isso aconteceu, ainda com maior velocidade insisti eu. A velocidade foi terrificante.

Nesse ponto a Snr.^a Duncan estava ficando alarmada e também eu, as meninas amedrontadas. Então perguntei se a mesa poderia descer vagarosamente, mas conservar seu movimento em volta da sala. Isso foi feito!

Pedi que o móvel fôsse colocada em sua posição primitiva. Ela mesma se despreendeu do teto e vagarosamente tornou à posição em que antes estivera.

A iluminação na sala da Snr.^a Duncan era de uma luz central e suspensa no teto. Eu calculei que a lâmpada era de 100 wats. Nada houve de cair em transe e não cantámos hinos.

Naturalmente examinei a mesa de jôgo. Era igual a qualquer outra. Terminado meu exame, eu a olhava fixamente. Ocorreu-me ainda não ter verificado o seu pêso. Com o propósito de

levantá-la, coloquei ambas as mãos sobre ela. Não consegui movê-la! Tentei diversas vêzes, a, mesa parecia pregada no soalho!

A Snr.^a Duncan estava interessada.

O senhor pode suspendê-la? perguntou ela.

Fiz novas tentativas, sem resultados. Minhas lutas com essa pequena mesa provocaram o riso da Snr.^a Duncan bem como o gargalhar das crianças. Fui obrigado a desistir da tentativa.

Antes de retirar-me naquela noite mais uma vez experimentei levantar a mesa. Então eu o consegui.

W. E. Harrison

«Sucedeu um Milagre»

De «Two Worlds»

Tão grande é a divulgação da cura espiritual que em tão estranho jornal como o «Boletim Ford», publicado pelos famosos construtores de automóveis, foi há poucos dias, descrito uma cura «milagrosa».

O médium responsável é Jack Lamb, de York, que já tratou mais de 10.000 enfermos.

Lamb, que é afastado funcionário de estradas de ferro inglêsas, é o que efetuou a cura de Ernic Holder, um diretor oficial da Ford, em Doncaster.

Holder era, segundo suas próprias palavras, quase «um aleijado». Devido a severa ciática e três discos (vertebrais) danificados, raramente êle podia ir trabalhar, durante seis meses.

«As coisas começavam a tornar-se más», disse êle. Êle precisava de meia hora para sair da cama. Pôr a roupa era verdadeira agonia e dependia de bengalas para deslocar-se pela casa.

O tratamento na enfermaria local, não deu resultados. Holder chegou a ponto de não poder sair de casa.

Sua irmã, que trabalhava em salão de cabeleireira, ouviu uma pessoa presente falar das extraordinárias curas de Lamb. Ela levou Lamb à casa de Holder.

«Tire a sua jaquêta», ordenou êle. Holder gemeu, tirou a jaquêta e lutou para sentar-se num banco.

Lamb fêz seus dedos percorrerem

ao longô da espinha, acima e abaixo, tão levemente que Holder quase não sentia. «O senhor está com perturbação na espinha», disse êle.

«O senhor não precisa dizer-me isso», foi a resposta.

«Bem isso não mais o incomodará». Disse Lamb. «Levante-se!» Como êle não podia, ao menos, calçar meias sem dores violentas, Holder pensou ser isso uma ordem absurda. Todavia resolveu «tentar uma passada», ao menos para mostrar a Lamb a sugestão insensata.

«A plena verdade é que», diz êle, «me firmei sôbre os pés, como um jogador de box a correr para o primeiro encontro. Eu não podia acreditar».

«Sente alguma dor», perguntou Lamb.

«Sinto essa ciática na minha per-

na», foi a resposta. «A coisa me mata, quando ando».

O doente sentou-se, obedecendo à ordem do curador. Durante um ou dois segundos Lamb fêz massagens nos pontos doloridos.

«Então êle ordenou a Holder», atire fora as bengalas, deça a escada e mostre-se à família». Foi o que êle precisamente fêz, ante o assômbro e derrame de lágrimas dos parentes».

Esta cura se verificou na passada primavera. Daí para cá, diz Holder, «eu posso andar, correr e curvar-me tão facilmente como um homem com a metade da minha idade.

Quando eu penso nas minhas condições, há um ano passado, dificilmente me poderão censurar por dar ao sucedido o nome de um *Milagre*.

Espiritismo no Brasil

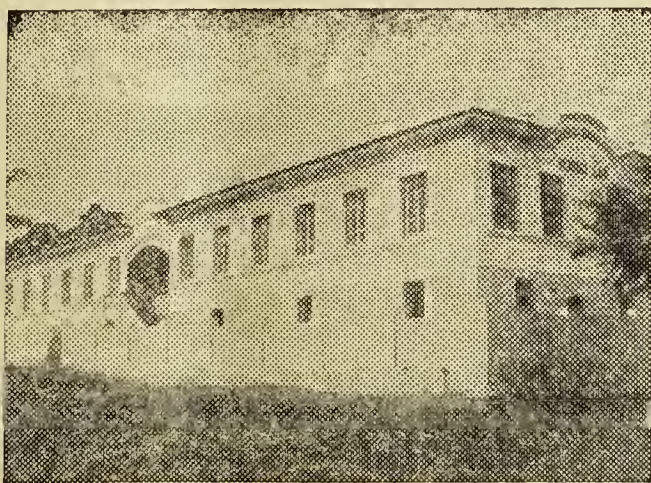
Noticias de Jau

Intensa atividade desenvolvem os espíritas dessa progressista cidade da Média Paulista, em prol de duas importantes obras sociais: o «Nosso Lar», em plena atividade, e o futuro Sanatório Tereza Perlatti.

O «Nosso Lar» é dirigido pela Associação das Senhoras Cristãs, e mantém, no momento, 40 crianças de ambos os sexos, órfãs ou abandonadas, onde recebem todo conforto material e espiritual; acha-se localizado à rua Botelho de Miranda, no alto da cidade, e a parte frontal apresentamos no clichê anexo.

A atual diretoria da A. S. C. é composta de Pres., Rosa M. Fagnani; Vice, Rosa Padrenosso; 1.º secr., Joana Pinto; 2.º secr.: Angela P. De Lucio; 1.º tes., Ana V. Pavaneli; 2.º tes., Neide P. Polomiato.

O Sanatório Tereza Perlatti é obra que será construída pela Associação Beneficente T. Perlatti, de Jau; destinada ao tratamento de doentes mentais, nervosos, toxicomânicos, com capacidade final para 750



O
«Nosso
Lar»,
da
cidade
de
Jau
(parte
frontal)

doentes, contará ainda com um Ambulatório para clínica geral. O planejamento de tão vultuosa obra está a cargo de conhecidos psiquiatras de S. Paulo, como dr. Odair P. Pedroso e Hilton Neves Tavares. A

referida sociedade já possui um terreno de 1,5 alqueire, situado junto a cidade. Atualmente os espíritas e os jauenses em geral se empenham para angariar os fundos necessários ao início da obra, cuja pe-

dra fundamental será lançada em 15 de agosto próximo. Várias atividades já foram iniciadas como o Prê-sépio Mecanizado, onde se acha a bela maquete dos edifícios projetados, o programa «Dai o Vosso Do-

nativo» pela Emissora Jauense, etc.

Na cidade existem outras programações como os trabalhos de Centros e da Mocidade Espírita local, o programa «Consolador», aos domingos, 12,15 hs. na Rádio local, etc. atividades essas que engrandecem a seara do Mestre Jesus e da doutrina Consoladora.

C. P.

7/1/59

Boletim Informativo n.º 3

da XIII Concentração de Mocidades Espíritas do Brasil Central e Estado de São Paulo. (Em Campinas, de 14 a 17 de Abril de 1960)

Rua Irmã Serafina 674 —
Caixa Postal 687 —
Fone 5713 — Campinas

Moços espíritas, irmãos em Cristo.

A família espírita campineira prepara-se jubilosa para recebê-los em abril de 1960 e oferecer-lhes campo propício às atividades da XIII. Mas, se vocês vierem apenas «assistir», a XIII não alcançará seus elevados fins.

Preparem-se convenientemente e venham fazer desta Concentração um vitorioso movimento de trabalho e confraternização, atestando assim a capacidade realizadora da mocidade espírita brasileira.

Exposição de Obras Assistenciais — Enviem-nos, até 31/3/1960, mapas, fotos e relatórios sobre as obras assistenciais espíritas em sua cidade a fim de que sejam incluídos nesta exposição. Torne conhecido o trabalho dos seus conterrâneos espíritas.

Torneio Evangélico — Recomenda-se ao jovem que fôr responder às questões do Torneio, em nome de sua Mocidade, que estude mais, êste ano, o «Evangélico, segundo o Espiritismo» e «O Livro dos Espíritos», pois haverá comissão julgadora e atribuição de pontos às respostas certas.

Hospedagem — Já foram fixados os limites, que são:

3 (três) representantes por Mocidade, para as cidades em que houver mais de uma Mocidade;

6 (seis) representantes para as cidades em que houver uma só Mocidade.

Atenção: os representantes além do limite não serão hospedados por conta da cidade-sede (§ 1.º artigo 8.º do Regulamento das Concentrações).

Flâmulas — Ajudem-nos a vendê-las. São de tamanho grande e ao preço de Cr\$.... 60,00 cada uma. Remeteremos imediatamente qualquer quantidade pedida.

Programa da XII — Esperamos poder, no próximo boletim, a ser expedido em fevereiro, comunicar a vocês o programa estabelecido para a XIII, bem como fornecer detalhes e instruções quanto à hospedagem e outros assuntos de interesse.

Moço espírita! Não permita que estas Concentrações de Mocidades se transformem em movimento apenas «de fachada». Cabe a você, através de sua conduta, dar à XIII Concentração os característicos de movimento cristão — disciplina, trabalho e fraternidade.

Jesus nos abençõe o esforço que fazemos no sentido do Bem Maior.

Fraternalmente,

Therezinha de Oliveira

Secretária

De Itaóca

Desde 9 de maio vem funcionando a Escola Espírita «Cairbar Schutel» no Centro «Fé em Deus» no Bairro Pinheiro Alto, deste distrito de Itaóca, sob a direção dos confrades Justino Rodrigues de Lima e Francisco Alves Miranda.

Acham-se matriculados nessa Escola 65 alunos meninos, mocinhas e rapazes. A Escola e o Centro comemoraram o Natal com uma homenagem a Jesus iniciada às 6 horas da tarde em uma reunião fraternal, na sede do Centro, a qual foi aberta com fervorosa prece, seguida de preleção por Justino Rodrigues de Lima e depois de cantado o hino «As Três Flôres» usaram também da palavra os Jovens Vitorino Dias de Almeida, Julião Gonçalves e João Dias Monteiro tratando de assuntos evangélicos e recitaram lindas poesias as meninas Elvira, Matilde, Diva, Benedita e Braselina.

Em seguida foi dada a palavra ao confrade Salvador Gonçalves que discorreu sobre o Natal, abrangendo o histórico desde o nascimento de Moisés até o de Jesus e o aparecimento do Espiritismo. O orador foi muito feliz em sua explanação, agradando sobremaneira a numerosa assistência.

A solenidade foi encerrada com outra prece após ser cantado o hino «Natal de Jesus», de autoria do confrade Justino Rodrigues de Lima, seguindo-se um jantar em que tomaram parte, fraternalmente, velhos e crianças de vários credos religiosos, onde reinou a maior alegria e cordialidade.

Do Correspondente

Semana Espírita — em Marília

Realizaram-se em Marília e circunvizinhança, de 19 a 26 de Julho próximo passado, as VII Semana Espírita de Marília e VI Semana Espírita Regional da 13.^a Reunião da USE. Constataram de conferências simultâneas nas cidades de Marília, Garça, Vera Cruz, Pompéia, Tupã, Oswaldo Cruz, Lucélia, Adamantina e Dracena. Movimento de confraternização e de divulgação Doutrinária de grande alcance, absorveu elevado número de oradores, os quais foram muito bem sucedidos em tôdas as oportunidades em que estiveram a postos. Foram êles: Prof. Anselmo Gomes, Marlene Rossi Severino, Dr. Jonny Doin, Prof. Raimundo Rodrigues Martins, Prof.^a Valéria Steagall, Prof. Emílio Manso Vieira, Dr. Thomez Novelino, Dr. Luiz Francisco Giglio, DD. Juiz de Direito da Comarca de Brotas, Dr. Altivo Ferreira, Dr. Apollo Oliva Filho, Dr. Hélio de Rezende Paoliello, Dr. Edmar Carvalho Lima, DD. Juiz de Direito da Comarca de Sorocaba, Sebastião Mazio Fonseca, Atílio Campanini e Eulier Ubaldo Guidi.

Precedendo cada uma das conferências, as Mocidades Espíritas locais e visitantes ofereceram ligeiros números artísticos. Ao encerramento da Semana Espírita local e da Regional, em Marília, compareceram representantes da região, quando a reunião de confraternização se deu nas obras do Lar de Meninas «Amélie Boudet», em júbilo pelo respaldo das paredes daquela construção, que se destina a abrigar meninas desamparadas. Falaram

na ocasião, além de seu presidente, os confrades Dr. Thomaz Novelino, da cidade de Franca, e o Prof. Emílio Manso Vieira, sendo servido logo após um lanche a todos os presentes. À noite neste mesmo dia, foi pronunciada a conferência de encerramento pelo Dr. Thomaz Novelino, muito aplaudido pelo auditório que superlotou o salão nobre da Assistência Social Dr. Bezerra de Menezes.

Do Correspondente

Noticias de São Paulo

Club dos Jornalistas Espíritas

Serões Espíritas — O Club dos Jornalistas Espíritas deu início no sábado, dia 16 de janeiro, aos seus tradicionais «serões espíritas» correspondentes a êste ano. Os serões continuarão a realizar-se na sede social, para estudo e discussão de «O Livro dos Espíritos» de Allan Kardec, á rua São Bento 21, sobreloja. Haverá leitura de texto, exposição do assunto e debates. A seguir meia hora de livre discussão de temas doutrinários. Neste ano, os serões voltam a ser dirigidos pelo cronista Irmão Saulo. A entrada é livre.

Nova Diretoria — Em assembléia realizada sexta-feira à noite, o Club dos Jornalistas elegeu sua nova diretoria, para o biênio 1960-61, que ficou assim constituída: presidente, J. Herculano Pires; vice, Heitor Giuliani; secretarios, Renato Wash Rodrigues e Vicente S. Netto; tesourei-

ros, Américo Della Mônica e Vicente Cruso, bibliotecário, Alfredo Cruso. O Conselho Fiscal compõe-se dos confrades Jorge Rizzini, Freitas Nobre e Emilio Manso Vieira.

Primeira Convenção dos Educadores Espíritas do Estado de São Paulo

A Convenção acima indicada, organizada e promovida pela U. S. E. — União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo — para se efetuar em Ribeirão Preto de 7 a 10 de Janeiro, foi transferida para 11 a 14 de fevereiro de 1960.

As tarefas da realização encontram-se a cargo do Conselho Regional Espírita da 9.^a Região, sediada em Ribeirão Preto, que constituiu a seguinte:

Comissão de Execução

Dr. Agnelo Morato

Tte. Ilques Barbosa

Dr. Jaime Monteiro de Barros

Dr. Luiz Caetani

Prof.^a Maria Emilia Barboni

Prof. Mario Ribeiro de Araujo

Dr. Ubirajara Maravoglia

Dr. Urbano Bastos

Por absoluta falta de espaço, deixamos de publicar o vasto e bem organizado programa dessa grande Convenção, o qual poderá ser solicitado à U. S. E. sua promotora, sediada em São Paulo, á rua Santo Amaro, 362,, dirigindo-se ao sr. Paulo Toledo Machado, Secretário Geral da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo.

Declaração de Utilidade Pública

Lei n.º 2022, de 17 de Dezembro de 1959

Declara de utilidade pública a Associação Espírita Santo Agostinho, de Passos.

O Povo do Estado de Minas Gerais, por seus representantes, decretou e eu, em seu nome, sanciono a seguinte lei:

Art. 1.º - Fica declarada de utilidade pública a Associação Espírita «Santo Agostinho», com sede em Passos.

Art. 2.º Revogadas as disposições em contrário,

esta lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Mando, portanto, a todas as autoridades, a quem o conhecimento e execução desta lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir, tão inteiramente como nela se contém.

Dada no Palácio da Liberdade, em Belo Horizonte, aos 17 de Dezembro de 1959.

(a) José Francisco Bias Fortes

(a) Juarez de Souza Carmo

(Publicada no «Minas Gerais», de 18 de Dezembro de 1959).

Já nos referimos à declaração da Municipalidade, considerando de utilidade pública a Associação Espírita «Santo Agostinho», da cidade de Passos, Minas, e o fizemos jubilosamente.

Agora, que essa declaração parte do próprio Governo do Estado, com júbilo ainda maior felicitamos os nossos contrades mineiros e o criterioso Governo de Minas Gerais, que reconheceu aquela laboriosa entidade espírita a sua utilidade a bem geral da coletividade, baixando êsse ato de justiça.

Em Duque de Caxias

Duque de Caxias, o importante centro urbano do Estado do Rio de Janeiro, é uma cidade privilegiada, onde o Espiritismo já conquistou amplos foros de honra e de progresso.

Esta impressão, nós a tivemos lendo entusiástica missiva do confrade Ademar Duarte Constant, recentemente recebida e na qual, dando-nos notícia da comemoração do 7.º aniversário de fundação do Centro Espírita «Bezerra de Menezes», levada a efeito a 10 de janeiro, deste ano, nos fala da numerosa assistência, que concorreu a essa solenidade, bem como da presença de diretores de outras entidades sociais tomando parte ativa na mesma, dan-

do, com isso, os espíritas caxienses, o exemplo da fraternidade.

Sabemos que além de outros oradores, usaram da palavra, nessa festa, o confrade Anton Alexandrovitch, presidente do Centro Espírita «Tiago Apóstolo», e o próprio amigo Ademar Duarte Constant, presidente da Associação Espírita «Cairbar Schutel».

Devemos acrescentar, que o presidente do Centro «Bezerra de Menezes», é o confrade Manoel Corrêa Duarte, que foi o anfitrião daquela reunião cordial de espiritualidade.

A todos êsses amigos somos gratos pelas palavras generosas com que se referiram a Cairbar Schutel e as suas obras, entre as quais se incluem a «Revista Internacional do Espiritismo» e «O Clarim».

Movimento Espírita e espiritualizado, congregando jÓvens de Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais e São Paulo, eis o que é a XIII Concentração de Mocidades Espíritas que terá lugar em Campinas, neste ano. Todos os Espíritas devem colaborar para o êxito dêste Movimento que será mais um marco de luz na História da Família Espírita.

Parábolas e Ensinos de Jesus

Já se acha pronta a nova edição de «Parábolas e Ensinos de Jesus», de Cairbar Schutel, uma das grandes obras do infatigável apóstolo do Espiritismo.

Aliás, essa obra sempre foi disputada pelos cultores da doutrina e todos, agora, poderão obtê-la, nesta última edição, encadernada e de feição gráfica muito bem apresentada, em tipo graúdo, e, portanto, de agradável e fácil leitura.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço: Cr.\$ 150,00 e mais Cr.\$ 6,00 para o porte e registro ou a Serviço Postal de Reembolso.

O DIABO E A IGREJA Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5.^a edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual, verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: Cr.\$ 30,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

“Gênesis da Alma”

Comunicamos aos nossos prezados leitores, que acaba de sair do prélo e já se acha à venda na Livraria «O Clarim», a 7.^a edição de «Gênesis da Alma», da autoria do nosso companheiro Cairbar Schutel.

E' uma obra indispensável aos estudiosos dos assuntos anímicos e espíritas, pois trata da evolução da alma através das camadas inferiores da natureza até chegar a escala animal, hominal e ir para a frente até a escala dos seres superiores.

E' um trabalho sintético e bem esclarecedor do assunto, ao alcance de tôdas as inteligências.

A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço Cr.\$ 25,00, e mais 6 cruzeiros para o porte e registro.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Brasil, Coração do Mundo
Evolução em dois mundos
Caminho, Verdade e Vida
Parnaso de Além-Túmulo
Instruções Psicofônicas
Cartas de uma morta
A Caminho da Luz
Pensamento e Vida
Novas Mensagens
Contos e Apólogos
Pontos e Contos
Perolas do Além
Falando à Terra
Os Mensageiros
Gotas de Luz
O Consolador
Luz Acima
Fonte Viva
Ave Cristo
Emanuel
Voltei
Roteiro
Renúncia
Pai Nosso
Boa Nova
Nosso Lar
Libertação
Volta Bocage
Jesus no Lar
Agenda Cristã
Vinha de Luz
50 Anos Depois
Lázaro Redivivo
Há dois mil anos
Paulo e Estevam
No Mundo Maior
Missionários da Luz
Cartilha da Natureza
Vozes do Grande Além
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Crônicas de Além-Túmulo
Nos Domínios da Mediunidade

À VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»

Caixa Postal, 11 — MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: A. Watson Campêlo

Redator: Italo Ferreira

Redação e Administração
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira*, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	—	Assinatura simples	Cr.\$120,00
Semestre	—	„ „	60,00
Ano	—	Assinatura registrada	180,00
Semestre	—	„ „	90,00

NÚMERO AVULSO CR.\$ 12,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro

e na LIVRARIA ESPÍRITA EMMANUEL

Rua Quintino Bocaiuva, 161 — 4.º andar — Sala 2 — SÃO PAULO

